



UC/FPCE_2007

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Famílias e parentalidade: stress, coping e qualidade de vida

Joana Isabel Nogueira Matos (joanamatos13@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica Sistémica sob a orientação da Professora Doutora Madalena de Carvalho Lourenço

Famílias e parentalidade: stress, coping e qualidade de vida

Resumo: Este estudo avalia as relações entre as diferentes formas de parentalidade e a percepção do *stress*, *coping* e *qualidade de vida familiares*. Foram analisadas quatro estruturas familiares diferentes: família sem filhos, família com filhos em casa, família com filhos fora de casa e famílias, simultaneamente, com filhos dentro de casa e filhos fora de casa. O estudo tem como base uma amostra de 275 sujeitos utentes de serviços de saúde primários ou que recorreram a serviços de terapia familiar e de casal. Na recolha de dados foram usados três questionários: *Qualidade de Vida*, *FILE* (Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida) e o *F-COPES* (Escala de avaliação pessoal orientadas para a crise em família). Pretende-se ainda avaliar se factores como o número de filhos, a *fase do ciclo vital da família*, o nível sócio-económico, as habilitações literárias, o estado civil e o género do sujeito interferem na sua percepção da *qualidade de vida*, dos níveis de *stress* e das suas estratégias de *coping familiares*.

O efeito das quatro estruturas familiares (“Tipo familiar”) no resultado do QOL não demonstrou ter uma influência estatisticamente significativa, de modo global mas, só, em algumas dimensões da escala. Aquando da análise do “Tipo familiar“ nos resultados do *FILE*, verificámos que este tem um efeito altamente significativo na escala global. A análise estatística não revelou significância estatística para o efeito dessa variável no *F-COPES* escala global. O efeito só pode ser observado em duas dimensões: “Apoio Social” e “Apoio Espiritual”.

As nossas suposições foram desconfirmadas no sentido em que à medida que aumenta o número de filhos, aumenta a satisfação com a *qualidade de vida* familiar e reduzem-se os níveis de *stress* percebido e o número de estratégias de *coping* utilizadas.

Através do nosso estudo podemos perceber que a presença física de filhos ou a sua ausência na residência do/a(s) pai/mãe(s) acarreta alterações/mudanças várias.

Palavras chave: Parentalidade, famílias, filhos *stress*, *coping*, *qualidade de vida*.

Families and parenthood: stress, coping and quality of life

Abstract: With this study we tried to understand the connections between the different ways of being a parent and the perceived family *stress*, *coping* and *quality of life*. We analyzed 4 different family structures: childless families, families with children living at home, families with children living outside the family home and families with children living at home and children living outside the family home. The study is related to a sample of 275 subjects who were attending primary health services or family or couples therapy. All the subjects answered three questionnaires: *Qualidade de Vida*, *FILE* (Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida) and *F-COPES* (Escala de avaliação pessoal orientadas para a crise em família). We also intend to evaluate if the number of

children, the *family life cycle stage*, social and economic level, level of scolarity, civil status and gender of the subjects contribute to their perceptions of *quality of life* and *stress* and in their *family coping strategies*.

The effect of the four family structures (“Tipo familiar”) in the results of the QOL did not showed to have statistical significance, in general but, only in some particular dimensions of the scale. While analyzing the variable “Tipo familiar“ in the *FILE* results, we noticed that it has a great statistical effect in the global scale. The statistical analysis did not show statistical significance for the effect of that variable in the global scale of the *F-COPES*. The effect can oly be observed in two dimensions: “Apoio Social” and “Apoio Espiritual”.

Our ideas were not confirmed in the way that as long as the number of children increases, it also inceases the satisfaction with the *familiar quality of life* and the levels of perceived *stress* are reduced as well as the coping strategies used.

Troughout our study que were able to understand that the physical presence of outspring or its absence at the parent(s) house has multiple changes.

Key Words: Parenthood, families, children, *stress*, *coping*, *quality of life*

Agradecimentos

Gostava de agradecer à minha família por me ter proporcionado a oportunidade de aceder a esta formação.

Às minhas amigas Joana e Belisa por terem acreditado nas minhas capacidades e por não me terem deixado desistir.

À Leonor, amiga não de sempre mas para sempre, que esteve sempre presente nos bons e nos maus momentos, apesar dos muitos quilómetros que nos separam

Um agradecimento especial à Professora Doutora Madalena Lourenço, por me ter deixado sonhar.

Aos meus colegas e professores que participaram neste projecto: sem eles não teria sido possível a sua concretização.

A todas as pessoas que responderam aos questionários por terem disponibilizado o seu tempo.

A todos aqueles que, por não acreditarem em mim, só me fizeram perseguir ainda mais o meu sonho!

Por último, mas não menos importante, um agradecimento a todas as crianças que se cruzaram na minha vida e que despertaram a criança que sempre existiu dentro de mim e às suas famílias, que me ajudaram a ser cada vez melhor profissional.

Obrigada!

Índice

	Introdução	1
1 -	Enquadramento Conceptual	2
2 -	Objectivos da Investigação	15
3 -	Metodologia	16
3.1 -	Amostra	16
3.1.1 -	Critérios de amostragem	16
3.1.2 -	Recolha da amostra	16
3.1.3 -	Amostra	17
3.2 -	Instrumentos	20
3.2.1 -	Questionário sócio-demográfico e ficha de dados complementares	20
3.2.2 -	<i>Qualidade de Vida</i>	21
3.2.3 -	<i>FILE</i>	23
3.2.4 -	<i>F - COPES</i>	24
4 -	Resultados	26
5 -	Discussão	31
6 -	Conclusões	37
	Bibliografia	40
	Anexos:	42
	Anexo 1: Carta de apresentação do projecto de investigação	43
	Anexo 2: Questionário Sócio-Demográfico	44
	Anexo 3: Ficha de Dados Complementares	47
	Anexo 4: F-COPES (Family Crisis Oriented Personal Evaluation Scale)	50
	Anexo 5: <i>FILE</i>	55
	Anexo 6: Tabelas	61

Introdução

Este estudo surge no âmbito de um projecto de investigação mais alargado, constituído pelo grupo de alunos do Mestrado Integrado em Psicologia constituído por dezoito alunos estagiários da área de especialização em Psicologia Clínica Dinâmica e Sistémica, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, orientado pela Professora Doutora Madalena Loureço e pela Professora Doutora Ana Paula Relvas.

McCubbin e Patterson (1982), partindo do Modelo Duplo ABC-X de Hill (1958), propuseram o Modelo Duplo ABC-X dos *stressores* e tensões familiares, de modo a descrever o ajustamento e adaptação familiares aos *stressores* ou crises familiares. Em colaboração com outros autores e investigadores, criaram alguns instrumentos de avaliação, entre os quais o *FILE* (1981), o *F-COPES* (1981) e o *Quality of Life* (1982). A sua adaptação e validação para a população portuguesa, assim como perceber como é que as variáveis dos três instrumentos desenham as dimensões do Modelo ABC-X, operacionalizando conceitos-chave, como o de *stress* no contexto de vida familiar, recursos familiares, significado, percepção e satisfação, torna-se assim pertinente.

A parentalidade é um fenómeno que tem vindo a sofrer profundas alterações na Sociedade Ocidental e também no nosso país. Com as mudanças de mentalidade, económicas e sociais, advêm alterações dentro do seio familiar. As alterações familiares, da conjugalidade e da parentalidade vão decorrendo lado a lado com as alterações na sociedade: emancipação da mulher, aumento do número de divórcios e das uniões de facto, declínio do casamento, aumento dos nascimentos fora do casamento, o surgimento de famílias monoparentais. O *stress*, as estratégias de *coping* e a percepção da *qualidade de vida* familiares parecem ter relevância no estudo deste fenómeno. O *stress* é um elemento presente nas nossas vidas e que pode afectar o equilíbrio físico e emocional dos indivíduos isoladamente e, por conseguinte, das suas famílias. As estratégias de *coping* são, então, as estratégias utilizadas para fazer face o *stress* e minimizar os seus efeitos, nomeadamente na saúde e na *qualidade de vida* da família.

O nosso principal objectivo de estudo é fazer uma análise comparativa de quatro tipos de famílias: sem filhos, com filhos a viver em casa, com filhos a viver fora de casa e com filhos a viver em casa mas com outro(s) também a viver fora de casa, caracterizando-as em três dimensões principais: *stress*, *qualidade de vida* e estratégias de *coping*. No sentido de melhor entender esta relação, pareceu-nos relevante a análise de algumas variáveis mediadoras: número de filhos da família, fase do ciclo vital, nível sócio-económico, habilitações literárias, estado civil, género e idade.

A escolha conjunta do *F-COPES*, do *FILE* e do *Quality of Life* pareceu-nos a mais desejada para a avaliação a fazer.

Estamos, assim, na presença de um estudo não-experimental e transversal. As características das famílias seriam observadas e as prováveis relações avaliadas, sem o intuito de fazer qualquer mudança. Não definindo hipóteses prévias, desejávamos saber da existência (ou não) de quadros configurativos distintos nas quatro amostras de sujeitos. Se tal se observasse, estaríamos na presença de valiosa informação que poderá ser usada com fins educativos e remediativos, a nível educativo e clínico, fornecendo um pequeno contributo para melhor se compreender as famílias e as suas diferentes vivências da parentalidade, numa sociedade que está em permanente mudança.

1 – Enquadramento conceptual

Definição do conceito de parentalidade

Onde quer que existam registos escritos, existem referências à parentalidade e a actividades parentais exercidas já desde os tempos ancestrais (French, 1995, *cit. in* Hoghughi & Long, 2004) mas, à medida que as sociedades se vão desenvolvendo e as suas estruturas se vão formalizando, a parentalidade também se vai reformulando em termos religiosos, económicos, civis e culturais (Hoghughi & Long, 2004).

O conceito de parentalidade pode ser definido como uma actividade que tem como objectivo assegurar a sobrevivência e desenvolvimento das crianças. É um termo que deriva do latim *parere*, que significa parir, dar à luz, desenvolver, educar (Hoffmann, 2002, *cit. in* Hoghughi & Long, 2004). Na sua raiz, a palavra parentalidade está mais relacionada com a actividade de proporcionar desenvolvimento e educar do que com a pessoa que realiza essas mesmas actividades. Na linguagem usada actualmente, a parentalidade traduz uma relação biológica de um pai e/ou uma mãe com um filho(a) (Barnett & Parker, 1998, *cit. in* Hoghughi & Long, 2004). A conotação da palavra “parentalidade” é positiva e liga-se a actividades como o cuidar e incentivar o crescimento (Hoghughi & Long, 2004). Olhando para o seu alcance e significado, a parentalidade emerge como a preocupação mais fundamental e universal da sociedade (Hoghughi & Long, 2004).

A relação dos pais com a criança é feita definindo-se dois papéis distintos: o de pai e o de mãe. Estes não são papéis fixos, mas construídos socialmente e que vão variando ao longo da história. É através do que aprende com os pais que a criança desenvolve a sua aprendizagem social e o seu crescimento psicológico (Relvas & Alarcão, 2002).

Alterações na vivência da parentalidade e na estrutura familiar ao longo dos tempos

Nos países ocidentais, devido às mudanças de poder entre homens e mulheres e das influências económicas nos adultos, são menos as pessoas que se casam ou escolhem ter filhos, o que tem consequências económicas e sociais a longo prazo (Taylor & Taylor, 2001, *cit. in* Hoghughi & Long, 2004). Os filhos sempre foram significado de grande gasto económico por parte dos pais mas, mesmo nas sociedades onde estes têm ajudas financeiras

para criar os filhos, tal não é visto como suficiente (Treasury, 1999, *cit. in* Hoghughi & Long, 2004). No sentido material, ter crianças afasta-se do objectivo de ter uma vida boa, à qual muitas pessoas aspiram (Hoghughi & Long, 2004).

O significativo progresso do estatuto das mães como mulheres, o aumento do seu papel como trabalhadoras remuneradas e “ganha-pão” e a sua capacidade para atingir carreiras pelo seu próprio pulso, levaram a uma redução do envolvimento na parentalidade (Maitland, 2001, *cit. in* Hoghughi & Long, 2004). Apesar de todas as pressões e da consciência do custo de ter crianças, a todos os níveis, o ímpeto biológico de perpetuação da espécie continua a prevalecer, sendo que chegou mesmo a ser sugerido que homens e mulheres não adquirem o seu próprio papel de género até terem filhos (Arendel, 1997, *cit. in* Hoghughi & Long, 2004). A motivação para ter filhos parece manter-se forte nas sociedades ocidentais, talvez porque educar crianças pode servir para muitos propósitos, traduzindo o alcançar de um objectivo a que os adultos aspiram e também de muitas expectativas (Hoghughi & Long, 2004).

O atraso deliberado do nascimento do primeiro filho, particularmente entre a classe média, sugere que as crianças e as suas exigências estão a ser ponderadas face a outros objectivos pessoais e sociais com os quais aqueles podem interferir. Ligadas às mudanças na forma de encarar e viver a parentalidade, estão várias mudanças demográficas e sociais, nomeadamente alterações da mentalidade e da estrutura familiar (Hoghughi & Long, 2004).

Tornar-se pai envolve uma das mais profundas mudanças no ciclo de vida de um indivíduo. O ajustamento na adaptação à responsabilidade face a um ser totalmente dependente é substancial e a maior mudança no estilo de vida ocorre normalmente com o nascimento do primeiro filho. Nas sociedades modernas, o reduzido número de filhos que os casais têm estão, normalmente, centrados num período curto de tempo, normalmente alguns anos, sendo que as mais importantes decisões são as de quando se tornar um progenitor e qual o número de filhos a ter (Hobcraft & Kiernan, 1995, *cit. in* Scott, Treas, & Richards, 2004). Através de toda a Europa, a parentalidade está a ser iniciada em idades cada vez mais tardias, uma grande proporção de homens e mulheres opta por não ter filhos e uma proporção cada vez maior de crianças nasce fora do casamento (Scott, Treas, & Richards, 2004).

Nas últimas décadas, na maioria dos países ocidentais, tem havido um movimento de entrada na paternidade numa idade mais avançada mas são poucos os casais que pretendem não ter filhos (Scott, Treas, & Richards, 2004). Para a maioria dos europeus, ter uma criança é um objectivo importante. Apesar disso, está estimado que as percentagens de pessoas sem filhos irá aumentar para mais de 20% em muitos países (Eurostat, 1994, *cit. in* Scott, Treas, & Richards, 2004). Levantamos uma questão: o que leva as pessoas a decidir não ter filhos? Parece haver um consenso quanto a este tema. Homens e mulheres atrasam consecutivamente o nascimento do seu primeiro filho e, depois, passados alguns anos, decidem não o(s) ter. Não ter filhos é uma decisão que emerge de uma série de decisões em adiar o nascimento dos filhos (Veevers, 1980, *cit. in* Scott, Treas, & Richards, 2004). Não quer isto dizer que alguns indivíduos decidam, numa idade dita

precoce, nunca ter filhos e sigam esse objectivo activamente. À medida que os indivíduos vão envelhecendo, as oportunidades de trabalho, de fazer parte de uma comunidade, as actividades de lazer, podem entrar em competição com o objectivo da parentalidade. Desde 1970 que as vantagens percebidas em permanecer sem filhos têm aumentado, enquanto que as desvantagens percebidas têm sofrido um decréscimo (Scott, Treas & Richards, 2004).

Assim, os homens e mulheres europeus estão a ter crianças mais tarde porque têm mais escolhas de vida e também meios mais eficazes de controlo da natalidade (Hobcraft & Kiernan, 1995, *cit. in* Scott, Treas & Richards, 2004). O facto de os dois membros do casal serem ambos trabalhadores, e de viverem mais tempo juntos antes de se tornarem pais, vai levar a um melhoramento da posição dos mesmos em termos de alojamento e bens de consumo, assim como de proporcionar tempo para o desenvolvimento das carreiras e para actividades de lazer. Além disso, na maioria dos países europeus, o aumento do número de pessoas com nível de educação superior e mais qualificações, levaram a uma extensão do período de dependência até à terceira década da vida. Em consequência, o tempo de transição para o estado adulto, desde o término dos estudos até à entrada no mercado de trabalho e a decisão da parentalidade parecem estar a demorar cada vez mais que o esperado. A partir do momento em que se tornam pais, homens e mulheres têm que tomar decisões que combinam a vida familiar e o trabalho. Dificuldades em resolver estes assuntos podem levar à redução do número de filhos que decidem ter. São muitas as disparidades nos rendimentos e estilos de vida de casais com e sem filhos (Scott, Treas, & Richards, 2004).

Para Anderson (1995), desde meados de 1960 até aos nossos dias, a estrutura de vida familiar tem sofrido uma mudança excepcional: redução do número de casamentos; aumento das uniões de facto; adiamento da parentalidade, com o conseqüente aumento da idade média da mulher aquando do nascimento do primeiro filho; um maior número de nascimentos fora do casamento; a mais elevada taxa de nascimentos de mães adolescentes na União Europeia; aumento do número de divórcios; aumento da proporção de crianças que vivem em famílias monoparentais; aumento do número de mulheres a exercer trabalho reunerado (*cit. in* Hoghughi & Long, 2004). Para Relvas e Alarcão (2002), a estrutura do casal tem vindo a modificar-se desde há cinquenta anos: o número de divórcios sofreu um aumento, enquanto que o número de casamentos diminuiu; as uniões de factos generalizaram-se e multiplicam-se os nascimentos fora do casamento. O número de pessoas sós e famílias monoparentais continua a aumentar. Também para Scott, Treas e Richards (2004) as grandes mudanças demográficas incluem: menor número de casamentos; mais uniões de facto e mais nascimentos fora do casamento; aumento no número de divórcios, recasamentos e famílias reconstituídas; aumento na proporção de famílias monoparentais; decréscimo das taxas de natalidade e famílias mais pequenas. Estamos na presença de uma afirmação e multiplicação de formas alternativas à vida conjugal e familiar. De uma sociedade regida por uma só norma (família fundada num casal/casamento estável), passamos a uma multiplicidade de modelos conjugais e, em sua consequência, de novas formas de família (Relvas & Alarcão, 2002).

O papel do controlo da fertilidade não deve ser subestimado na mudança do comportamento dos casais. Desde 1960 que ficaram disponíveis métodos e tratamentos que cortaram a ligação estreita entre sexo e reprodução que existia até então (Lewis & Kiernan, 1996, *cit. in* Scott, Treas & Richards, 2004). As mulheres passaram a poder evitar a gravidez e a melhor explorar a sua sexualidade, a reduzir o número de gravidezes e a adiar o papel de mãe. A emergência de meios seguros e efectivos de controlo da natalidade foi provavelmente uma condição prévia para a emergência das uniões de facto (Kiernan, 1989; van de Kaa, 1987, *cit. in* Scott, Treas, & Richards, 2004).

Entre 1965 a 1985 pôde assistir-se a mudanças rápidas na configuração do papel de pai e de mãe, numa alteração radical da noção de paternalidade. Em Maio de 1968 surgiu uma revolta contra a moral sexual, a família, os antigos modelos de cultura, educação e autoridade. Em 1970 surge um movimento de afirmação da mulher e o feminismo desenvolve-se. Na sua luta, as mulheres reivindicaram o assumir da sua sexualidade, desligando-a da função de procriar e a legalização da interrupção voluntária da gravidez (Scott, Treas & Richards, 2004).

Ciclo vital da família e parentalidade

A noção do ciclo vital no desenvolvimento da família é deveras importante para a melhor compreensão do conceito parentalidade. De facto, a maior parte das classificações que são feitas têm em conta a idade dos filhos e as etapas da vida de pais e filhos. A criança vai crescendo e desenvolvendo-se, e as suas necessidades são alteradas, pelo que o próprio sistema parental também deve mudar. Assim se compreende facilmente o conceito de parentalidade a dois níveis diferentes: o dos pais e o dos filhos, sendo que podemos falar de um subsistema paternal e um subsistema filial (Relvas & Alarcão, 2002). São várias as propostas de classificações dos estádios mas destacamos a perspectiva de Relvas (2000), que teve como base o faseamento de Minuchin e Fishman: formação do casal, família com filhos pequenos, família com filhos na escola, família com filhos adolescentes e família com filhos adultos. De referir que quase todas as classificações são feitas tendo em conta a família típica e nuclear de classe média e que não contemplam uma série de variantes: factores como a evolução demográfica, o trabalho feminista, o *stress*, entre outros. As etapas do ciclo vital surgem bem arrumadas, umas a seguir às outras, como se as famílias se encontrassem numa fase de cada vez e de seguida passassem à fase seguinte. Mas, para Relvas (2000), a realidade das famílias não é essa e há estádios que se sobrepõem (tal como verificámos no nosso estudo).

O aumento das relações de intimidade anteriores à definição de uma relação mais formal, faz com que Bawin-Legros (1992, *cit. in* Relvas & Alarcão, 2002) fale do surgimento de uma nova fase anterior à da formação do casal, designado-a por coabitação ou união pré-nupcial (Relvas & Alarcão, 2002)

Na primeira fase do ciclo vital - *formação do casal* - há a assunção de um compromisso conjugal que dá início a uma família nuclear (Relvas & Alarcão, 2002)

É com o nascimento do primeiro filho que se inicia a segunda fase do ciclo vital - *família com filhos pequenos*. São fundamentais a reorganização familiar, através da definição de papéis parentais e filiais e da redefinição de limites face ao exterior (Relvas, 2000). O diferimento da parentalidade e outras fontes adicionais de *stress*, leva a que em muitos casos exista uma sobreposição e sobrecarga de tarefas para os pais, já que se juntam no tempo as maiores exigências a nível do investimento numa carreira profissional e nas funções parentais/educativas (Relvas & Alarcão, 2002). De ter em conta a transformação dos padrões parentais clássicos, o que pode levar a algumas dificuldades por parte do casal em estabelecer os seus papéis e funções enquanto pai e de mãe, em fazer a sua transição para a parentalidade e que pode interferir na satisfação conjugal e ajudar a perceber as elevadas taxas de divórcio que se verificam nesta fase. O facto de, com esta fase, poder haver uma “regressão” aos papéis sexuais tradicionais (mesmo em casais que fazia uma distribuição mais igualitária de direitos e deveres) e haver uma sobrecarga da maternidade, parece justificar os dados demográficos e a explicação que aponta no sentido de que o alargamento do espaço entre o casamento e o nascimento do primeiro filho, a redução da natalidade e a opção em não ter filhos se ficar a dever, em grande parte, à decisão da mulher (Relvas & Lourenço, *cit. in* Relvas & Alarcão, 2002).

Nas etapas *família com filhos na escola* e *família com filhos adolescentes*, as transformações no papel feminino e na sociedade são também aqui visíveis. As maiores competências académicas das mulheres permitem-lhes fazer um maior investimento no apoio e acompanhamento dos filhos na escola (Relvas & Alarcão, 2002). Para a família, a entrada dos filhos na escola, constitui o primeiro grande teste (podendo tornar-se uma fonte de *stress* adicional) ao cumprimento da sua função externa e interna: socialização e adaptação da criança à cultura e aprendizagens, autonomia e individualização (Alarcão, 2002).

A adolescência vai colocar novos problemas aos ajustes na parentalidade e conjugalidade. O novo papel da mulher, a sua maior autonomia, nomeadamente a nível social e sexual criam novos contornos nas dinâmicas familiares, nomeadamente a nível de valores, direitos e deveres. A etapa *família com filhos adolescente* é, efectivamente, a que apresenta a mais elevada taxa de divórcio (Relvas & Alarcão, 2002). Será quase impossível pensar esta fase da vida sem a conceber como uma fase de grandes mudanças. Esta é a etapa mais longa e mais difícil, já que obriga a um permanente equilíbrio entre as exigências do sistema familiar e as aspirações de cada um dos elementos da família. Se, por um lado, a sociedade concede aos adolescentes um período de moratória, este é cada vez maior, o que dificulta ao próprio adolescente e à sua família a tarefa da emancipação. Com um cada vez maior período de passagem para a idade adulta, traduzido no prologamento dos estudos, os problemas de emprego, dificuldades económicas e habitacionais e o adiar do casamento e do nascimento do primeiro filho, os jovens ficam cada vez mais tempo a viver em casa dos pais (Alarcão, 2002).

Com a última etapa, *família com filhos adultos*, as mulheres da geração intermédia vêem o seu papel de cuidadoras a ser reforçado, o que

em conjunto com o seu papel de trabalhadoras activas, as leva a uma grande sobrecarga física e mental, que se pode traduzir em elevados níveis de *stress*, daí podem decorrer doenças físicas e mentais, baixas no emprego, falta de disponibilidade relacional, dificuldades acrescidas na gestão de conflitos ou na resolução de problemas, entre outros (Relvas, 1996, *cit. in* Relvas & Alarcão, 2002). A reforma, que acontece mais cedo ou mais tarde nesta fase é uma fonte de *stress* (Alarcão, 2002). Tornar-se um adulto traduz, de forma geral, uma série de transições que podem incluir: sair de casa, terminar o ensino secundário, arranjar um emprego, casar e ter filhos (Arnett, 2004; Furstenberg, Rumbaut & Settersten, 2005, *cit. in* Gitelson & McDermott, 2006). Ao longo da última década, vários investigadores dedicaram-se a estudar as transições para a vida adulta e descobriram que o *timing* e a ordem dos acontecimentos mudaram e que o período de transição se prolonga cada vez mais (Furstenberg et al., 2005, *cit. in* Gitelson & McDermott, 2006). O facto de os jovens completarem os seus estudos e se casarem cada vez mais tarde (relativamente à geração anterior) fornece um bom exemplo de como a transição para a idade adulta está a tornar-se mais lenta (Gitelson & McDermott, 2006). Mas, nos finais dos seus vinte anos, a maior parte dos jovens já consegue fazer escolhas definitivas quanto à sua vida, em termos de carreira e relações pessoais (Arnett, 2000, *cit. in* Gitelson & McDermott, 2006). São várias as explicações possíveis para esta mudança. Desde 1960, tanto o mercado de trabalho como as atitudes face ao próprio trabalho da mulher e aos papéis familiares contribuíram para a experiência actual de ser um adulto. Em meados dos anos 70, um diploma do ensino secundário já não garantia um bom salário, isto é, que se fosse capaz de sustentar uma família inteira. Com cada vez maior concorrência, o resultado foi o de que o número de jovens a frequentar instituições de ensino superior aumentou. Não só entram mais jovens, como também demoram mais tempo a terminar os seus cursos superiores (Arnett, 2000, *cit. in* Gitelson & McDermott, 2006). O próprio movimento feminista dos anos 60 teve um significativo impacto nas atitudes das mulheres e na sua participação nos aspectos públicos da vida, levando a consequentes mudanças na esfera familiar. A “moda” de casar cada vez mais tarde e de ter mais estudos contribuem para o aumento do tempo em que um indivíduo sai de casa dos pais e forma a sua própria família. Estas mudanças económicas e sociais tiveram impacto nos locais onde os jovens vivem depois de terminarem o ensino secundário ou superior: padrões de saída de casa e retorno à mesma são comuns. A maioria dos jovens sai de casa por volta dos 18/19 anos e um terço destes irá regressar e manter-se financeiramente dependente dos pais (Goldscheider & Goldscheider, 1999, *cit. in* Gitelson & McDermott, 2006). É tão prontamente aceite que fiquem em casa que não se torna claro se são os pais que necessitam dos filhos adultos em casa, se são os próprios filhos que decidem ficar (Gitelson & McDermott, 2006). Num estudo, constatou-se que 45% dos pais entre a idade de 45 a 54 anos, que tinham filhos com idade igual ou superior a 19 anos, ainda têm um jovem adulto a viver em casa (Aquilino, 1997, *cit. in* Gitelson & McDermott, 2006). Segundo Aquilino (1996), para muitos jovens adultos, a casa dos pais é vista como uma base segura, enquanto que negociam as transições para a idade adulta (*cit. in* Gitelson &

McDermott, 2006). Os retornos a casa traduzem muitas vezes a falha ou o desapontamento em adquirir as regras da vida adulta, podendo dever-se ao terminar de um casamento ou de uma união de facto, ao início ou perda de um emprego, poupança de dinheiro para estudos futuros ou para comprar a sua própria casa ou a uma mudança de carreira (Arnett, 2004, *cit. in* Gitelson & McDermott, 2006). Estas mudanças na vida dos jovens adultos implicam também mudanças na vida dos seus próprios pais. À medida que aumentam o número de anos de estudo e as dificuldades em arranjar emprego, a família é chamada para ajudar fornecendo alojamento, dinheiro e suporte social e emocional. Segundo Schoeni e Ross (2005), as contribuições financeiras dos pais para com os jovens adultos aumentaram (*cit. in* Gitelson & McDermott, 2006). Apesar do período de vida de um jovem adulto ser o mais extenso em termos da parentalidade, é o menos estudado (Ryff & Seltzer, 1996, *cit. in* Gitelson & McDermott, 2006). Existem evidências de que, de modo geral, os pais experiencem a saída dos filhos de casa como um acontecimento positivo e, contrariamente, considerem a presença de filhos adultos em casa como algo indesejável (*American Board of Family Practice*, 1990; Ryff & Seltzer, 1996; McClanahan & Adams, 1987, *cit. in* Gitelson & McDermott, 2006). Os sentimentos de bem-estar dos pais de filhos adultos estavam intimamente ligados com os objectivos alcançados pelos filhos, com o modo como fazem a ligação dos objectivos que eles próprios alcançaram e os que os seus filhos alcançaram e o papel que tiveram na vida dos mesmos. A avaliação dos pais durante esta fase está fortemente relacionada com a maneira como vêem o ajustamento social e pessoal dos filhos (Gitelson & McDermott, 2006).

Tendo como base as fases do ciclo vital, várias questões se levantam em torno da *qualidade de vida*, do *stress* e das várias formas de *coping* (por parte de pais e filhos), pelo que tentaremos, de seguida, esclarecer os conceitos e introduzir alguns estudos que foram feitos naquelas áreas de estudo e que podem contribuir para o melhor entendimento da parentalidade.

Stress, coping e qualidade de vida: definições

É importante fazer agora uma breve introdução aos conceitos de *stress*, *coping* e *qualidade de vida*. O século XX parece ser o século do *stress*. Situações de *stress* verificam-se com muita frequência e grande intensidade, sendo elementos do nosso quotidiano que afectam, não apenas o equilíbrio fisiológico, mas também o emocional, sendo que os seus efeitos a longo prazo podem ser devastadores (Bizarro, 1988). Hans Selye definiu *stress* como a resposta não específica do organismo a qualquer exigência de adaptação (Vaz Serra, 1988). Segundo Vaz Serra (1988, p.301), “o ser humano não consegue viver desligado de *stress*, isto é, desprendido de circunstâncias que, por vezes, lhe determinam uma exigência de adaptação”.

O *coping* é um termo que se aplica às estratégias que uma pessoa utiliza para lidar com as situações de dano, ameaça e desafio com que se depara e para as quais não tem respostas de rotina preparadas” (Vaz Serra, 1988, p.301). Há consenso quanto à aceitação de que os efeitos nocivos do *stress* se dão em função da própria natureza dos processos de *coping* utilizados pelo indivíduo para lidar com as situações (Lattack, 1986;

Meichenbaum & Turk, 1983, *cit. in Vaz Serra, 1988*). Segundo Pearlin e Schooler (1978), as estratégias de *coping* podem exercer uma função protectora de três formas diferentes: eliminando ou modificando as condições que criam os problemas, controlando a percepção do significado da experiência ou suas consequências ou mantendo, dentro de limites razoáveis, as consequências emocionais dos problemas (*cit. in Vaz Serra, 1988*).

Se pensarmos no *stress* familiar, este pode ser entendido à luz da perspectiva sistémica. Os modelos de Hill (1949; ABCX Model) e McCubbin e Petterson (1982 e 1983, Double ABCX Model) têm-se revelado como os mais consensuais em termos de aplicações clínicas e empíricas. Os dois reforçam a importância da família definir o acontecimento *stressante* e os significados que lhe são atribuídos. O ciclo evolutivo familiar é pontuado por momentos de mudança esperados (crises normativas) ou por momentos imprevistos (crises inesperadas). Exemplos de crises normativas são os casamentos e os nascimentos; de crises inesperadas os divórcios e as hospitalizações (Relvas, 2005).

Stress, género e estado civil

Pudrovska, Schieman e Carr (2006) obtiveram os seguintes resultados: as pessoas divorciadas ou viúvas reportavam maior pressão individual do que as pessoas que nunca tinham sido casadas, apesar da magnitude dos efeitos ter variado consideravelmente por raça e género.

Vários estudos documentaram as vantagens na saúde mental das pessoas casadas, relativamente às que não o são (por exemplo os estudos de Menaghn & Lieberan, 1986; Pearlin & Johnson, 1977; Umberson, Wortman, & Kessler, 1992, *cit. in Pudrovska, Schieman, & Carr, 2006*). Estudos feitos sugerem que as recompensas e custos do casamento (e também do estatuto de solteiro) são influenciados pelo género (Bernard, 1972, *cit. in Pudrovska, Schieman, & Carr, 2006*). Como resultado, homens e mulheres podem experienciar a dissolução matrimonial de diferentes formas. Os estudos de Pudrovska, Schieman e Carr (2006), indicam que apesar do suporte social e do número de crianças estarem relacionados negativamente com as pressões individuais, a presença de outras pessoas no mesmo espaço de habitação não o é.

Permanecer solteiro pode traduzir mais custos psicológicos e experiências *stressantes* para as mulheres do que para os homens. Uma longa tradição de pesquisa e teorias relativas ao género, casamento e saúde mental sugere que o estatuto matrimonial é mais importante para o bem-estar psicológico dos homens do que o das mulheres, enquanto que a qualidade matrimonial é mais importante para o bem-estar das mulheres do que o dos homens (Williams, 2003). Estas crenças têm base em fundações teóricas e empíricas estabelecidas nos anos setenta mas, e apesar das mudanças no género e nos papéis familiares, raramente são questionadas. As mudanças dramáticas nos papéis de género e estrutura familiar, nos últimos trinta anos, fornecem uma importante razão para questionar a assunção das diferenças de género nos efeitos do estatuto e da qualidade matrimonial no bem-estar psicológico. O aumento da participação das mulheres no mundo do trabalho

é especialmente significativo (Williams, 2003). À medida que a participação no mundo de trabalho e as contribuições para o rendimento do agregado familiar aumentam, aumenta também o poder das mulheres dentro da relação matrimonial (Ferber, 1982, *cit. in* Williams, 2003). As mudanças nos papéis femininos também poderão ter enfraquecido a relativa importância da qualidade matrimonial para o bem-estar das mulheres, em comparação com os homens. Os papéis de esposa e mãe eram, outrora, os papéis adultos disponíveis para as mulheres. Estas têm, hoje em dia, um maior leque de oportunidades para preencher os objectivos aceites socialmente, oportunidades que podem incluir, mas já não são limitadas a ter um casamento feliz e harmonioso. Além disso, com a entrada da mulher no mundo do trabalho, as barreiras económicas que as mantinham ligadas ao casamento enfraqueceram (Williams, 2003). Alguns estudos recentes sugerem que as diferenças de género na associação do estatuto matrimonial com o bem-estar psicológico diminuíram. Waite e Gallagher (2000) concluíram que o casamento fornece benefícios a nível da saúde mental, tanto para homens como para mulheres (*cit. in* Williams, 2003). De facto, os estudos que estudaram as ligações entre género, estatuto matrimonial e saúde mental têm resultado em inconsistências e contradições, sendo vários os que questionam a ideia de que o estatuto matrimonial é mais importante para os homens do que para as mulheres. A evidência de maior bem-estar das pessoas casadas comparativamente às solteiras, levou frequentemente à conclusão de que casar e manter-se casado maximizava a saúde do adulto, assim como a sua *qualidade de vida* (Williams, 2003). Mais ainda, a literatura acerca do *stress* social sugere que acontecimentos de vida *stressantes*, tal como a transição para o divórcio ou viuvez, podem ter efeitos positivos no bem-estar quando envolvem a saída de papéis *stressantes* (Wheaton, 1990, *cit. in* Williams, 2003).

As diferenças de género reflectem, primariamente, pressões a curto-prazo experienciadas por aqueles que saem de um casamento, principalmente por morte do cônjuge. Com excepção da opção de voltar a casar, que parece ser mais vantajosa para os homens, ambos os sexos recebem benefícios psicológicos similares por serem e permanecerem casados. Williams (2003) não encontra evidências quanto ao facto de a qualidade matrimonial ser mais importante para o bem-estar das mulheres do que dos homens. Tanto para os homens como para as mulheres, as dimensões positivas e negativas da qualidade matrimonial têm efeitos fortes e consistentes no bem-estar psicológico. Pesquisas recentes nas consequências na saúde física e mental do casamento e dissolução matrimonial chegam à conclusão de que estar casado é geralmente vantajoso, comparativamente ao estatuto de divorciado, viúvo ou solteiro. Em contraste, o estudo feito pela autora revela que esta conclusão apenas se aplica aqueles que apresentam um casamento feliz. Estas conclusões aplicam-se tanto aos homens como às mulheres. Claramente, as avaliações (positivas e negativas) do casamento vão mudando ao longo do tempo. Aqueles que se mantêm casados, apesar da baixa qualidade matrimonial, podem fazê-lo, em parte por várias razões: barreiras ao divórcio, como dificuldades financeiras; a presença de crianças pequenas em casa ou crenças

religiosas (Knoester & Booth, 2000, *cit. in* Williams, 2003).

As diferenças de género do impacto da qualidade matrimonial no bem-estar podem ser devidas às diferentes orientações e expectativas que os homens e as mulheres trazem para a relação matrimonial. Os estudos de Mookherjee (1997) revelam que os resultados médios dos níveis de percepção de bem-estar para as mulheres eram mais elevados do que o dos homens, sugerindo que as mulheres relatam estar mais satisfeitas com a vida do que os homens, sendo casadas ou solteiras. Os seus estudos revelam, também, que o casamento parece ser tão benéfico para homens como para mulheres. As investigações mais recentes acerca da saúde mental dizem que as diferenças de género na vulnerabilidade são altamente específicas e dependem do tipo de *stressor* e da perturbação considerada, contrariando os estudos anteriores que frisavam a maior vulnerabilidade ao *stress* das mulheres relativamente aos homens. Simon vai sugerir que a variação de género na reactividade ao *stress* também é contingente ao estatuto matrimonial: as mães não são geralmente mais vulneráveis que os pais, mas as diferenças na resposta parental ao *stress* dependem do tipo de *stressor* e da perturbação envolvida. Apesar das mães, casadas ou não casadas, não diferirem na sua resposta ao *stress* profissional ou familiar, a análise de Simon revela que as pressões parentais são mais prejudiciais aos pais não casados do que aos casados (Simon, 1998).

Os aspectos benéficos das relações íntimas estão bem documentados. As pessoas que mantêm relações sociais íntimas com outros são mais felizes, vivem durante mais tempo, têm menos doenças mentais e físicas e têm também níveis mais baixos de abuso de substâncias, relativamente às pessoas que estão socialmente isoladas (Horwitz & White, 1998). A maioria dos adultos encontra a sua maior fonte de intimidade através do casamento. Comparados com pessoas que não são casadas, os que o são apresentam menos *distress*, doença mental, alcoolismo e abuso de drogas, assim com menor morbilidade e mortalidade (Horwitz & White, 1998). Uma das questões que se levanta é de saber se os benefícios do casamento serão os mesmos de quem co-habita, vivendo em união de facto. Apesar do aumento da pesquisa relativa às uniões de facto, ainda não se sabe se os companheiros obtêm os mesmos benefícios que os casados (Horwitz & White, 1998). Os resultados do estudo de Horwitz e White (1998), indicam uma relação complexa entre a co-habitação e saúde mental. As características das pessoas que co-habitam são mais parecidas com as das pessoas que vivem sozinhas do que com as casadas (Rinfuss & VandenHeuvel, 1990, *cit. in* Horwitz & White, 1998). Os níveis médios de depressão entre companheiros a co-habitar são mais elevados do que os das pessoas casadas, mas equivalentes aos níveis existentes entre os solteiros. Na análise multivariada feita no estudo de Horwitz e White (1998), as taxas de depressão entre pessoas que co-habitam não se mostraram significativamente diferentes dos níveis existentes entre as pessoas casadas ou solteiras. Parece, assim, que os companheiros a coabitar não têm vantagens ou desvantagens face aos grupos maritais, a nível de taxas de depressão.

De modo geral, as pessoas casadas e as que vivem com companheiros são mais felizes e saudáveis do que os indivíduos solteiros,

divorciados ou viúvos (Waite, 1995 *cit. in* Lorenz, Simmons, Conger, Glen et al., 1997). Se o casamento tem efeitos negativos no bem-estar, isso pode dever-se às responsabilidades para com as crianças, que caem maioritariamente nas “costas” das mulheres. As pessoas que têm filhos, não têm níveis mais altos de bem-estar psicológico relativamente às pessoas que não têm filhos (Gore & Mangione, 1983; Kessler & McRae, 1982; McLanahan & Adams, 1987 *cit. in* Lorenz, Simmons, Conger, Glen et al., 1997). Em muitos aspectos, os pais (em especial as mães) vivem um *distress* psicológico maior do que as pessoas que não têm filhos (Gove & Gerken, 1977; Pearlin, 1975 *cit. in* Lorenz, Simmons, Conger, Glen et al., 1997).

O divórcio, cada vez mais frequente e aceite, é ainda assim uma mudança de vida traumática: pais solteiros têm níveis mais altos de problemas emocionais e físicos do que os pais casados (Amato & Keith, 1991; Bachrach, 1975; Kitson, 1992; Tschann, Hohnston & Wallerstein, 1989, *cit. in* Lorenz, Simmons, Conger, Glen et al., 1997).

O divórcio poderá reduzir tensões através da remoção de uma fonte de *stress* crónico (Wheaton, 1990 *cit. in* Lorenz, Simmons, Conger, Glen et al., 1997). As consequências da transição para um papel de pai solteiro parecem prever um aumento no número de *stressores* agudos (Lorenz, Simmons, Conger, Glen et al., 1997). Alguns estudiosos (Chiriboga & Catron, 1991; Kitson, 1992; Simmons, Johnson & Lorenz, 1996 *cit. in* Lorenz, Simmons, Conger, Glen et al., 1997) argumentaram que as mudanças nas condições de vida que normalmente se seguem a um divórcio, juntamente com as mudanças de emprego e com os cuidados às crianças, aumentam a probabilidade de as mulheres recentemente divorciadas se confrontarem com acontecimentos *stressantes* adicionais (Lorenz, Simmons, Conger, Glen et al., 1997).

Stress e bem-estar na presença de filhos

Vários estudos dizem que os pais de filhos menores (pressupomos aqui menores de 18 anos a viver em casa dos pais) exibem níveis mais elevados de *stress* do que os que não são pais ou que são pais de filhos já adultos (pressupomos aqui filhos maiores de 18 anos que estão a viver com os pais ou sozinhos). Ser pai de um menor é mais determinante do bem-estar das mulheres do que dos homens (Kadel, Davies, & Raveis, 1985; Umberson & Gove, 1989, *cit. in* Scott, Treas, & Richards, 2004), mas são também as mães, relativamente aos pais, que tiram mais benefícios psicológicos do facto de terem filhos adultos (Umberson, 1992, *cit. in* Scott, Treas, & Richards, 2004). Descobertas recentes sugerem que a influência das crianças no bem-estar dos pais varia em relação ao seu estatuto marital. Um estudo longitudinal mostrou que as pessoas que vivem em união de facto têm níveis mais elevados de depressão do que os sujeitos casados, e que os níveis de depressão dos primeiros são exacerbados pela presença de crianças (filhos biológicos ou por afinidade), enquanto que os níveis de depressão dos sujeitos casados, pelo contrário, não são especialmente afectados pela presença de crianças (Brown, 2000, *cit. in* Scott, Treas, & Richards, 2004).

Os estudiosos têm tendência a concluir que o nascimento de uma criança diminuiu a qualidade matrimonial (McLanahan & Adams, 1989, *cit.*

in Scott, Treas & Richards, 2004), mas estudos longitudinais recentes, feitos com sujeitos recém-casados, mostraram que todos os casais tendem a vivenciar um declínio na satisfação matrimonial, independentemente de terem ou não um filho (Adelman, Chadwich & Baerger, 1996, *cit. in* Scott, Treas & Richards, 2004). Outros estudos apontam para um aumento da felicidade matrimonial com o crescimento das crianças (Orbuch et al., 1996, *cit. in* Scott, Treas & Richards, 2004), enquanto que outros estudos não suportam estes resultados (VanLaningham, Johnson & Amato, 2001, *cit. in* Scott, Treas & Richards, 2004).

Enquanto que a parentalidade está associada a níveis mais elevados de *stress*, alguns estudos sugerem que outras dimensões do bem-estar podem efectivamente beneficiar da parentalidade. Comparativamente às pessoas que não têm filhos, os pais (especialmente os de crianças menores) têm menores probabilidades de se envolverem em actividades que se traduzam em riscos para a sua saúde, mas maiores probabilidades de se envolverem em comportamentos de saúde preventivos (Umberson, 1987, *cit. in* Scott, Treas & Richards, 2004). Os pais (entenda-se homens ou mulheres) têm também taxas de mortalidade mais baixas (Kobrin & Hendershot, 1977, *cit. in* Scott, Treas & Richards, 2004), comparativamente com os indivíduos que não têm filhos e reportam um maior sentido de significado e de propósito de vida (Umberson & Gove, 1989, *cit. in* Scott, Treas, & Richards, 2004).

De um modo geral, os estudos mostram que as crianças contribuem para o *stress* parental através das exigências inerentes aos seus cuidados e às dificuldades económicas que são aumentadas. Os estudiosos apontam três factores que contribuem significativamente para o bem-estar e saúde das mães: emprego, uma divisão mais equitativa das tarefas domésticas e o acesso a cuidados infantis a preços acessíveis (Scott, Treas & Richards, 2004).

Stress, educação e nível sócio-económico

Ross e Willigen (1997), propõem que a educação é valiosa para o bem-estar individual, já que dá acesso a dois determinantes primários do bem-estar: trabalho remunerado e não-alienado e relações de suporte. A associação negativa entre a educação e o *distress* psicológico está bem documentada (Glenn & Weaver, 1981; Kessler, 1982; Lennon & Rosenfield, 1992; Link, Lennon & Dohrewend, 1993; Mirowsky & Ross, 1989, 1985; Pearlin et al., 1981; Ross & Huber, 1985; Ross & Mirowsky, 1989, *cit. in* Ross & Willigen, 1997). A educação só muito raramente é foco de investigação no estudo sociológico do *stress*, razão pela qual ainda não estão identificados os mecanismos pelos qual a educação afecta o bem-estar psicológico (Ross & Willigen, 1997).

Segundo Gore e Mangione (1983); Lennon e Rosenfield (1992); Pearlin e colaboradores (1981); Ross e Bird (1994); Verbrugge (1983), as pessoas com nível de educação mais elevado têm mais probabilidades de arranjar emprego e de que este seja a tempo inteiro, comparativamente com os que estudaram menos. O emprego, especialmente quando a tempo inteiro, está ligado a níveis mais elevados de bem-estar físico e psicológico (Ross & Willigen, 1997). A educação vai também dar acesso a trabalho não-alienado,

o que por si vai reduzir os níveis de *distress*. Níveis baixos de educação aumentam também as dificuldades económicas, pelo que indivíduos com níveis mais baixos de educação têm salários mais baixos (Sewell & Hauser, 1975, *cit. in* Ross & Willigen, 1997).

A educação está positivamente associada com o casamento de maneira indirecta. As pessoas com níveis mais elevados de educação estão menos propensas ao divórcio, o que se deve, provavelmente, ao facto de casarem mais tarde e o fazerem em condições económicas mais favoráveis (Glick, 1984; Houseknecht & Spanier, 1980, *cit. in* Ross & Willigen, 1997). A educação está negativamente associada à viuvez, já que homens e mulheres escolhem para casar indivíduos com níveis similares de educação (Kalmijn, 1991; Quian & Preston, 1993, *cit. in* Ross & Willigen, 1997) e, já que as pessoas com mais estudos vivem mais tempo (têm uma maior esperança média de vida) (Rogot, Sorlie & Johnson, 1992, *cit. in* Ross & Willigen, 1997). Apesar da educação estar negativamente associada com a dissolução matrimonial (por divórcio ou viuvez), está também negativamente associada ao casamento, em alguns grupos (Bennett, Bloom & Craig, 1989, *cit. in* Ross & Willigen, 1997). Mulheres com níveis educativos mais elevados estão mais predispostas a adiar o casamento, a não voltar a casar depois de um divórcio e mesmo a nunca casar, comparativamente com mulheres com menos estudos (McLanahan & Casper, 1994, *cit. in* Ross & Willigen, 1997)

As mulheres com níveis mais elevados de educação têm, tendencialmente, mais probabilidades de permanecer sem filhos, de adiar o momento de ter filhos e de ter menos crianças (Bloom & Trussel, 1984; Rinfuss, Morgan & Swicegood, 1984; Veevers, 1979, *cit. in* Ross & Willigen, 1997). Como já foi dito atrás, já que os homens e mulheres têm tendência a escolher parceiros com níveis similares de educação (Kalmijn, 1991; Qian & Preston, 1993, *cit. in* Ross & Willigen, 1997), os homens com níveis mais elevados de educação têm também menos filhos (Ross & Willigen, 1997).

Qualidade de vida e parentalidade

Na pesquisa de Yang (2003) relativa à *qualidade de vida familiar*, esta é estimada com base na premissa de que a satisfação psicológica das necessidades das relações familiares é essencial para a *qualidade de vida familiar* de modo global (Retting & Leichtentrill, 1999, *cit. in* Yang, 2003). A qualidade da vida familiar é assim equacionada, neste estudo, como a qualidade das relações interpessoais entre os membros da família. Refere-se especialmente ao grau em que cada membro da família é amado, respeitado, compreendido e aceite pelos outros membros da família (Yang, 2003).

No estudo de Pittman e Lloyd (1988) a *qualidade de vida* pode ser examinada em vários domínios: qualidade ou satisfação matrimonial, satisfação parental e satisfação com a vida. Segundo Abbott e Brody (1985), os casais com crianças em casa reportam um nível de satisfação matrimonial mais baixo comparativamente aos casais que não têm crianças em casa (casais sem filhos ou com filhos a viver fora de casa) (*cit. in* Pittman & Lloyd, 1988). Segundo Spanier e Lewis (1980), a satisfação matrimonial está

relacionada com vários factores sócio-económicos e demográficos: rendimento salarial, educação e número de anos de casamento (cit. in Pittman & Lloyd, 1988). Pouca pesquisa tem sido feita acerca da satisfação parental (Goetting, 1986, *cit. in* Pittman & Lloyd, 1988). A maior parte dos pais (homens e mulheres) indica altos níveis de satisfação com o papel parental, apesar das mães indicarem valores ligeiramente mais elevados (Chilman, 1980; Goetting, 1986, *cit. in* Pittman & Lloyd, 1988). Contudo, para Strom, 1985, *cit. in* Pittman & Lloyd, 1988), os pais reconhecem também a existência de *stress* no papel parental. As mães percebem o aumento das dificuldades na educação dos filhos à medida que aqueles vão crescendo, contudo esta percepção varia tendo em conta a educação das próprias mães, pelo que as que possuem um mais elevado nível de estudos indicam os primeiros anos como os mais difíceis (Rossi, 1980, *cit. in* Pittman & Lloyd, 1988). Para Goetting (1986), a satisfação parental varia com a idade, estado civil e educação. Uma relação negativa entre a educação e a satisfação parental pode dever-se a uma maior consciência por parte dos pais com mais estudos dos aspectos negativos, mas também dos positivos, da parentalidade (*cit. in* Pittman & Lloyd, 1988). A existência de crianças não parece afectar, de forma geral, a satisfação com a vida, pelo menos a dos adultos mais velhos (Glenn & McLanahan, 1981, *cit. in* Pittman & Lloyd, 1988).

2 – Objectivos de Investigação

Como objectivo geral, propomo-nos caracterizar a percepção familiar do *stress*, das estratégias de *coping* e a satisfação com a *qualidade de vida* de famílias sem filhos, com filhos em casa, com filhos fora de casa e com filhos fora de casa e em casa. Teria sido interessante estudar outra forma de parentalidade: a monoparentalidade. Contudo, os dados recolhidos não possibilitaram essa investigação, já que o número de famílias monoparentais não constituía uma amostra com um número de sujeitos suficiente para tal estudo.

Os nossos objectivos específicos são comparar as famílias acima referidas, nos seus aspectos particulares e tentar perceber como é que as variáveis “mediadoras” sociodemográficas (número de filhos, fase do ciclo vital da família, nível sócio-económico, habilitações literárias, estado civil e género), influenciam as variáveis *stress*, *qualidade de vida* e *coping familiares*, verificando se existem diferenças entre as famílias

Em virtude de não termos encontrado nenhum estudo que se centrasse na parentalidade, nomeadamente nestas diferenças, pudemos questionar:

- Se as famílias se diferenciam nos valores de *stress* e *coping* percebidos e a satisfação com a *qualidade de vida* familiares;
- Se o número de filhos, fase do ciclo vital, nível sócio-económico, habilitações literárias, estado civil e género influenciam directa ou indirectamente os valores resultantes das três escalas preenchidas pelas famílias.

3 - Metodologia

O presente estudo insere-se no âmbito de uma investigação mais global sobre o *stress* e *bem-estar* das famílias. Como meio de recolha de informação foram usados alguns instrumentos: um questionário sócio-demográfico, uma ficha de dados complementares, o *F – COPES*, o *FILE* e o *Qualidade de Vida*.

3.1 – Amostra

3.1.1 – Critérios de amostragem

No estudo participaram todos os indivíduos que responderam correctamente ao nosso protocolo. No caso de sujeitos com problemas visuais, motores, analfabetos, ou outros, podia ser feita a leitura dos enunciados e a resposta podia ser assinalada por nós. Não foi assim eliminada a sua participação no estudo. Não foram muitos os critérios definidos. Relativamente às famílias com filhos em casa e fora de casa, teriam que ser famílias com pelo menos dois filhos, em que um destes teria que estar a viver fora de casa e o outro estaria ainda a co-habitar com os pais. Não foi estabelecido qualquer critério etário de exclusão para os pais ou para os filhos. As famílias monoparentais não foram excluídas mas não foram estudadas na sua singularidade a nível de um só progenitor, mas tendo em conta o critério de terem filhos a viver e casa, fora de casa, ou em casa e fora de casa simultaneamente.

3.1.2 – Recolha da amostra

A população deste estudo são famílias utentes de serviços de saúde/cuidados primários e as famílias que recorrem à terapia familiar, em concreto: Hospital Pediátrico de Coimbra, Centro de Saúde de Celas, Centro de Saúde Fernão de Magalhães, Centro de Saúde de S. Martinho/Taveiro, NUSIAF (Núcleo de Seguimento Infantil e Acção Familiar) e CEIFAC (Centro Integrado de Apoio Familiar de Coimbra).

A amostra, recolhida numa primeira fase, é constituída por sujeitos em que, pelo menos um elemento, tenha recorrido ao serviço, entre 15 de Novembro de 2006 e 31 de Janeiro de 2007, para ser atendido por um dos médicos/psicólogos que aceitaram colaborar na investigação; dois elementos adultos da família (protótipo pai/mãe ou seu correspondente, portanto, dois adultos com funções executivas, podendo ou não ser do mesmo género). Em virtude de ter sido obtido um número insuficiente de protocolos aplicados, procedemos a uma segunda fase de recolha de amostra de 22 de Fevereiro a 10 de Março de 2007, nos mesmos locais e seguindo os mesmos critérios antes usados.

De referir que uma primeira abordagem era feita pelo médico ou terapeutas das famílias. Depois de os utentes terem dado consentimento, eram-nos fornecidos os seus dados para os podermos contactar. A equipa de investigadores contactava telefonicamente as pessoas que tinham aceite participar, de forma a que pudesse ser marcada uma hora e um local para serem aplicados os protocolos. Estes eram aplicados ou no local de estágio ou na residência da família, consoante a sua disponibilidade.

O protocolo era então aplicado por uma equipa de investigadores, com formação para tal. Estes apresentavam os objectivos da investigação. Foi reforçada a questão do anonimato e da confidencialidade das respostas. Agradeceu-se a participação no estudo. A ficha de dados complementares e o questionário sócio-demográfico eram preenchidos pelo investigador que questionava os sujeitos individualmente. Os três instrumentos de avaliação foram respondidos directamente pelos sujeitos. Em caso de dúvidas, o investigador voltava a ler a questão em voz alta. No final voltava a agradecer-se a participação.

3.1.3 – Amostra

A nossa amostra é constituída por 275 sujeitos, sendo 33,5% do sexo masculino (N=92) e 66,5% do sexo feminino (N=183) e com idades compreendidas entre os 14 e os 84 anos (M=50,54; DP=16,80). Maioritariamente, os sujeitos vivem em zonas predominantemente urbanas (77,1%). Relativamente à escolaridade dos sujeitos, estes têm na sua maioria o 4º ano (34,9 %; N=96). 54,5% da amostra apresenta um nível sócio-económico baixo (N=150), sendo que 49 sujeitos (17,8%) são profissionais incluídos no Grande Grupo profissional 5, profissionais classificados como “Pessoal de serviços e vendedores”.

Género			Idade		
	N	%		N	%
Masculino	92	33.5	14 - 24	18	6.6
Feminino	183	66.5	25 - 34	38	13.7
			35 - 44	42	15.3
			45 - 54	47	17.2
			55 - 64	64	23.3
			65 - 74	50	18.3
			75 - 84	15	5.5

Escolaridade		Local de residência ¹			
	N	%		N	%
< 4º ano	27	9.8	predominantemente urbano	212	77.1
4º ano	96	34.9	mediamente urbano	28	10.2
6º ano	29	10.5	predominantemente rural	34	12.4
9º ano	56	20.4			
12º ano	26	9.5			
ensino médio	10	3.6			
ensino superior	29	10.6			

Nível sócio-económico		
	N	%
baixo	150	54.5
médio	113	41.1
elevado	11	4

Quanto ao estado civil, 208 sujeitos são casados (75,6%). Relativamente o número de filhos, a maior parte das famílias tem dois filhos (43.6%, N=120). A maioria das famílias encontra-se na fase do ciclo vital “famílias lançadoras” (32,0%, N=88)

¹ Referimo-nos aqui à tipologia das áreas urbanas do Instituto Nacional de Estatística. Integram as áreas predominantemente urbanas as seguintes situações: freguesias urbanas; freguesias semi-urbanas contíguas às freguesias urbanas, incluídas na área urbana, segundo orientações e critérios de funcionalidade/planeamento; freguesias sedes de Concelho com população residente superior a 5.000 habitantes. Integram as áreas mediantemente urbanas as seguintes situações: freguesias semi-urbana são incluídas na área predominantemente urbana; freguesias sedes de concelho não incluídas na área predominantemente urbana. Integram as áreas predominantemente rurais os restantes casos (I.N.E, 1998b).

Profissão²	N	%
GG1	5	1.8
GG2	16	5.8
GG3	17	6.2
GG4	12	4.4
GG5	49	17.8
GG6	4	1.5
GG7	32	11.6
GG8	5	1.8
GG9	30	10.9
doméstica	42	15.3
estudante	17	6.2
sem profissão	8	2.9
desempregado	27	9.8
resposta nula	9	3.3

Estado civil			Nº de filhos		
	N	%		N	%
solteiro	30	10.9	0	26	9.5
casado	208	75.6	1	71	25.8
união de facto	6	2.1	2	120	43.6
divorciado	15	5.5	3	27	9.8
separado	3	1.1	4	13	4.7
viúvo	13	4.7	5	4	1.5
			7	5	1.8
			8	1	0.4

² Referimo-nos aos grandes grupos profissionais da classificação das profissões do Instituto Nacional de Estatística. O grupo 1 inclui “pessoal de profissões científicas, técnicas, artísticas e de profissões similares”; o grupo 2: “directores e quadros administrativos”; o grupo 3: “pessoal administrativo e trabalhadores similares”; o grupo 4: “pessoal do comércio e vendedores”; o grupo 5: “pessoal dos serviços de protecção e segurança, dos serviços pessoais, domésticos e trabalhadores similares; o grupo 6: “trabalhadores das indústrias extractivas e condutores de máquinas fixas e de transportes”; o grupo 7: “trabalhadores não qualificados, independentes, comércio e serviços”; o grupo 8: “pessoal das forças armadas” (I.N.E., 1998a).

Etapa do ciclo vital		
	N	%
casais sem filhos	12	4.4
filhos pequenos	17	6.2
filhos em idade escolar	24	8.7
filhos adolescentes	35	12.7
famílias lançadoras	88	32
ninho vazio	29	10.5
famílias na reforma	60	21.8
não se aplica	7	2.5

3.2 - Instrumentos

A recolha de dados foi realizada através da aplicação de três instrumentos de avaliação: Qualidade de Vida (original de David H. Olson & Howard L. Barnes, 1982), traduzido e adaptado por nós enquanto trabalho do grupo de alunos do Mestrado Integrado em Psicologia; *FILE* (de H. I. McCubbin, J. M. Patterson & L. R. Wilson, 1981 e com versão portuguesa de A. V. Serra, H. Firmino, C. Ramalheira, M. C. Sousa Canavarro, 1990); *F-COPES* (de H. C. McCubbin, D. H. Olson & A. S. Larsen, 1981 e com tradução/versão portuguesa de Vaz Serra e colaboradores, 1990).

Do protocolo fazia ainda parte um Questionário Demográfico e uma Ficha de Dados Complementares.

3.2.1 - Questionário Demográfico e Ficha de Dados Complementares

Construímos dois questionários que nos fornecessem informação relevante para a caracterização da amostra e para os outros objectivos do estudo.

Foi aplicado o Questionário Demográfico elaborado para o estudo para recolher dados sobre: nacionalidade: portuguesa/outra; local de residência – apenas terra ou local, posteriormente organizado em predominantemente urbana, predominantemente rural ou medianamente urbana (I.N.E., 1998b); composição do agregado familiar e de filhos que eventualmente tenham saído do agregado familiar (parentesco, idade, estado civil e sua duração no tempo, habilitações literárias/escolaridade e profissão principal, que era posteriormente organizada de acordo com a Classificação Nacional das Profissões – CNP, versão de 1994 das estatísticas demográficas do Instituto Nacional de Estatística de 1998); religião/grupo religioso; número de filhos; situação na profissão do elemento do agregado familiar considerado a principal fonte de suporte da família (patrão, trabalhador por conta própria sem assalariados, trabalhador por conta de outrem, desempregado, reformado ou pensionista por invalidez.). No final, o investigador deveria ainda preencher dois campos: etapa do ciclo vital da família, segundo as sete fases do ciclo vital da família definidos por Olson, McCubbin e colaboradores (1983) e nível sócio-económico.

A Ficha de Dados Complementares serviu para obtermos mais algumas informações relativas às famílias através de quatro questões gerais (com algumas alíneas), iguais para todos os utentes e duas questões específicas, variando com o local onde o utente se tinha dirigido para obter o serviço de saúde/terapia: Centros de Saúde, CEIFAC/NUSIAF e Hospital Pediátrico. Eis as questões gerais: alguém na família sofre de doença crónica (sim/não; quem, doença), sendo que em caso afirmativo, era pedido para que respondesse quanto ao impacto da doença na família (numa escala de 1 - muito fraco - a 5 - muito forte -); percepção do índice de gravidade da doença (ligeira/moderada/severa) e justificação; outro tipo de problema a família (sim/não, qual), sendo que, e caso afirmativo era questionado o impacto do problema na família (numa escala de 1 - muito fraco - a 5 - muito forte-); percepção do nível de gravidade do problema (ligeira/moderada/severa) e justificação. Foi também pedido para numerar por onde decrescente, quatro tipos de apoio com o qual a família sente poder contar, na doença ou noutras situações difíceis (por exemplo emocionais ou excesso de responsabilidades): Família Chegada, Família Alargada, Comunidade (vizinhos, amigos...) e Instituições (apoio social, médico). As outras questões faziam referência à avaliação que o utente fazia quanto ao *stress* da família (de muito pouco -1- a muitíssimo -5-); à avaliação da *qualidade de vida* da família (de muito boa -1- a muito má -5-); adaptação da família, de modo geral, às dificuldades (de muito bem -1- a muito mal -5-).

As questões específicas para os utentes de Centros de Saúde eram duas: número de vezes que recorre ao seu Centro de Saúde por ano e em média (de 0 a 2, de 2 a 4, de 4 a 6 e mais de 6); assinalar por ordem decrescente os cinco motivos mais frequentes pelos quais a sua família costuma recorrer ao Centro de Saúde [Saúde Materna, Diabetes, Saúde Infantil, Tensão Arterial Alta, Consulta de Psicologia, Consulta do Adulto, Consulta anti-tabágica, Consulta do Idoso, Vacinação, Planeamento Familiar, Pedir receitas, Rastreio (p.ex. pedir exames), Urgências, Rotina/ *Check-up*, Outros].

As questões específicas para os utentes do CEIFAC e do NUSIAF foram: “Como teve conhecimento desta Instituição?”; “Qual a situação/problema que o fez recorrer a estas consultas de Terapia Familiar?”

Para o Hospitalar Pediátrico as questões específicas eram: “Qual a situação/problema que o fez recorrer a estas consultas neste serviço do Hospital Pediátrico?”; “Quem o encaminhou para este serviço do Hospital Pediátrico?”

3.2.2 - *Qualidade de Vida*

O *Quality of Life* (David H. Olson & Howard L. Barnes, 1982) é um instrumento de auto-resposta que mede a percepção individual de bem-estar ou satisfação com a vida. Existem duas versões do instrumento: uma para pais e outra para adolescentes. A versão para pais é constituída por 40 itens e a versão para adolescentes é constituída por apenas 25 itens (sendo que 19 itens são comuns às duas escalas e 6 itens que surgem apenas na versão para adolescentes). Avaliam um conjunto de variáveis organizadas em 12 domínios: vida em família, amigos, família alargada, saúde, lar, educação,

lazer, religião, *mass media*, bem-estar financeiro, vizinhança e comunidade, enquanto indicadores de satisfação com a *qualidade de vida*. Os domínios abrangidos por cada escala são praticamente os mesmos, à excepção do casamento e emprego (versão parental) e do lazer, educação e família alargada (versão para adolescentes) (Olson, McCubbin, Barnes, Larsen, Muxen & Wilson, 1983).

Este instrumento de avaliação apresenta uma escala de resposta do tipo *Lickert*, com 5 pontos (de insatisfeito – 1 a extremamente satisfeito – 5). Um resultado mais elevado corresponde a um nível mais elevado de satisfação por parte do respondente.

A versão original permite obter um indicador principal: o resultado total de “*qualidade de vida*”. Os autores, David H. Olson e Howard L. Barnes (1982) indicam ainda a possibilidade de análise por 12 factores.

De referir que o *Quality of Life* não tinha ainda uma versão portuguesa. Assim, um pequeno grupo de alunos do Mestrado Integrado em Psicologia, procedeu à sua tradução e adaptação, segundo os critérios da Organização Mundial de Saúde (*cit. in Canavaro & cols., 2006*). Este traduziu o original para português e aplicou os questionários a um grupo de sete pessoas (amostra aleatória). Depois de verificadas as dúvidas sobre os diversos itens, procedeu-se a uma correcção da versão portuguesa. Foi depois realizada a retroversão da escala, do português para o inglês, por um tradutor independente, que não conhecia o original. Finalmente, foi comparada esta versão com a original e concluiu-se que a investigação poderia prosseguir.

A adaptação do instrumento foi feita através de uma amostra de 260 sujeitos; 169 sujeitos (64.8%) são do sexo feminino e 91 (34.9%) são do sexo masculino. Há uma variação de idades entre os 21 e os 84 anos, com uma média de 52.3 anos. Quanto às habilitações literárias, 10% (n=26) apresenta menos do 4º ano de escolaridade, 36.8% (n=96) tem o 4º ano, 9.6% (n=25) tem o 6ª ano, 18% (n=47) tem o 9º ano, 10% (n=26) tem o 12º ano, 3.8% (n=10) tem o ensino médio e 10.7% (n=28) tem o ensino superior. No que se refere ao nível sócio-económico uma maioria de 141 sujeitos (54%) enquadra-se no nível baixo; 108 sujeitos (41.4%), enquadra-se no nível médio e os restantes 10 sujeitos (3.8%) enquadram-se no nível elevado. Por fim, relativamente às etapas do ciclo vital, pudemos verificar que 12 sujeitos (4.6%) se encontram na etapa “casal sem filhos”, 17 sujeitos (6.5%) se encontram na etapa “família com filhos pequenos ou no pré-escolar”, 24 sujeitos (9.2%) na etapa “família com filhos na escola”, 24 sujeitos (9.2%) na etapa “família com filhos adolescentes), 86 sujeitos (33%) na etapa “família lançadora”, 29 sujeitos (11.1%) na etapa “ninho vazio”, 59 sujeitos (22.6%) na etapa “família na reforma”e, por fim, 6 sujeitos (2.3%) não foram enquadrados em nenhuma etapa porque nenhuma se aplicava. Usando os mesmos procedimentos estatísticos utilizados por Olson e colaboradores (Olson & cols., 1985), procedeu-se a uma rotação ortogonal *varimax*, de modo a maximizar as saturações dos itens nos respectivos factores e a verificar se seria possível trabalhar com a estrutura factorial original. Optou-se por utilizar apenas 10 factores (tendo caído o factor 11): *Casamento e vida familiar* (itens 1, 2, 3 e 4), *Amigos* (itens 5 e 6), *Saúde* (itens 7 e 8), *Lar*

e educação (itens 9, 10, 11, 12, 13, 14 e 15), Tempo (16, 17, 18 e 19), Religião (itens 21 e 22), Emprego (itens 20, 23 e 24), Mass Media (25, 26, 27 e 28), Rendimento (itens 29, 30, 31, 32, 33 e 34) e Vizinhaça e comunidade (itens 35, 36, 37, 38, 39 e 40). Calculou-se o *coeficiente alfa de Cronbach*, de forma a avaliar a consistência interna da escala. Foram obtidos os seguintes valores: *Casamento e vida familiar* (0.727), Amigos (0.607), Saúde (0.649), Lar e educação (0.786), Tempo (0.851), Religião (0.685), Emprego (0.695), Mass Media (0.721), Rendimento (0.820), Vizinhaça e comunidade (0.761). Para a escala global obtivemos um *coeficiente alfa de Cronbach* aceitável de 0.889, um valor próximo do encontrado pelos autores originais (0.92). Pelo facto de todos os factores terem obtido valores *alfa* acima de 0.6, foram todos admitidos no nosso estudo. A esta versão demos o nome de *Qualidade de Vida*.

3.2.3 - FILE

O *FILE* é um inventário de auto-resposta, desenvolvido por McCubbin e colaboradores, que deve ser respondido por pelo menos um dos elementos da família. É constituído por 71 itens que avaliam variáveis relacionadas com o *stress* e as tensões na família (relativamente a acontecimentos de vida e de mudanças cumulativas), ocorrendo no ciclo vital e que foram experienciados no período de tempo correspondente ao último ano. Permite também avaliar alguns acontecimentos prévios ao período de tempo de referência (antes do último ano) (Olson, McCubbin, Barnes, Larsen, Muxen & Wilson, 1983).

A escala de resposta é dicotómica (“Sim” – 1 ponto – e “Não” – 0 pontos). Um resultado mais elevado corresponde a um valor mais elevado de *stress* na família.

Na versão original, permite a obtenção de três indicadores: resultado total de “mudanças de vida recentes”, resultado por factores (9 factores): *Tensões intra-familiares*, *Tensões conjugais*, *Tensões relativas à maternidade e à gravidez*, *Tensões relativas a questões financeiras*, *Tensões/mudanças familiares devido ao trabalho*, *Tensões relacionadas com cuidados de saúde*, *Perdas*, *Movimento de entradas e saídas na família* e *Problemas legais* e resultado total de “mudanças de vida passadas”. Foram obtidos os seguintes valores para o *alfa de Cronbach*: *Tensões intra-familiares* (0.65), *Tensões conjugais* (0.53), *Tensões relativas à maternidade e à gravidez* (0.31), *Tensões relativas a questões financeiras* (0.51), *Tensões/mudanças familiares devido ao trabalho* (0.48), *Tensões relacionadas com cuidados de saúde* (0.54), *Perdas* (0.47), *Movimento de entradas e saídas na família* (0.43) e *Problemas legais* (0.62). O *alfa* da escala total foi de 0.79, um valor muito próximo do encontrado pelos autores originais (0.81).

No nosso estudo é utilizada a tradução e adaptação portuguesa do instrumento (Inventário Familiar de Mudanças e Acontecimentos de Vida) realizada por Vaz Serra e colaboradores (1990). A adaptação à população portuguesa foi feita usando uma amostra de 261 sujeitos. Quanto ao género, 89 sujeitos são do sexo masculino (32.4%) e 172 são do sexo feminino (62.5%). As idades dos sujeitos situam-se entre os 21 e 84 anos., sendo a

média de 52.2 anos. No que às habilitações literárias diz respeito, 9.5% (n=26) dos sujeitos tem menos do 4º ano de escolaridade, 34.9% (n=96) tem o 4º ano, 9.1% (n=25) tem o 6º ano, 17.1% (n=47) tem o 9º ano, 9.5% (n=26) tem o 12º ano, 3.6% (n=10) tem o ensino médio e 10.5% (n=29) tem o ensino superior. Relativamente ao nível sócio-económico, a maioria (51.56%) pertence ao nível sócio-económico baixo, num total de 142 sujeitos; 39.3% (n=108) pertence ao nível médio e 3.6% (n=10) pertence ao nível sócio-económico elevado. Por fim, quanto à etapa do ciclo vital, 12 sujeitos (4.4%) encontram-se na etapa “casal sem filhos”, 17 sujeitos (6.2%) na etapa “família com filhos pequenos ou no pré-escolar”, 24 sujeitos (8.7%) encontram-se na etapa “família com filhos em idade escolar”, 24 sujeitos (8.7%) encontram-se a etapa família com filhos adolescentes”, 86 sujeitos (31.3%) encontram-se na fase “família lançadora”, 29 sujeitos (10.5%) encontram-se na fase “ninho vazio”, 59 sujeitos (21.5%) encontram-se na fase “família na reforma” e no caso de 6 sujeitos (2.2%) a etapa do ciclo vital não se aplica.

Fizemos uma análise factorial usando uma rotação oblíqua (tal como tinham feito os autores originais), mas não foi possível obter resultados. Procedeu-se então a uma rotação *varimax*, com a qual foi possível obter 5 factores. Tendo sido os *alfas* demasiado baixos (≤ 0.7), a sua interpretação foi dificultada. Assim, utilizaremos apenas a análise da escala na sua globalidade. De referir que eliminámos a dimensão “antes do ano passado”, tal como o fizeram McCubbin e colaboradores (1981), numa versão mais recente do mesmo inventário. No decorrer deste procedimento foram eliminados três itens (10, 11 e 55) por apresentarem mais de 10% de *missings* (não-respostas).

3.2.4 - F-COPES (Escala de avaliação pessoal orientadas para a crise em família)

O *F-COPES*, desenvolvido por McCubbin, Olson e Larsen, no ano de 1981, é um inventário de auto-resposta, que deve ser respondido por, pelo menos, um dos elementos da família. É constituído por 30 itens que avaliam variáveis relacionadas com as estratégias de *coping* da família (atitudes e comportamentos efectivos de resolução de problemas, que a família desenvolveu para resolver ou responder a problemas/dificuldades). Tais estratégias englobam quer recursos familiares, quer recursos sociais e comunitários. Estas estratégias podem ser internas ou externas (Olson, McCubbin, Barnes, Larsen, Muxen & Wilson, 1983).

Na versão original, permite obter dois indicadores: resultado total de “estratégias de *coping*” e resultado por factor (5 factores). Assim os itens podem ser agrupados nas 5 sub-escalas: *Apoio social (acquiring social support)*, *Reenquadramento (reframing)*, *Apoio espiritual (seeking spiritual support)*, *Apoio formal (mobilizing family to acquire and accept help)* e *Avaliação passiva (passive appraisal)* (Olson, McCubbin, Barnes, Larsen, Muxen & Wilson, 1985).

A escala de resposta é do tipo Lickert, de 5 pontos (de 1 – discordo muito a 5 – concordo muito). Um resultado mais elevado irá corresponder a um valor também mais elevado de utilização de estratégias de *coping* pelo

respondente.

A tradução e versão portuguesa do *F-COPES*, com a designação de *Escala de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise e Família*, foram elaboradas por Vaz Serra e colaboradores (1990) e foi com esta versão que trabalhámos. A versão original é constituída por 29 itens, mas optámos por seguir as versões espanhola e francesa, que integravam o item 18 na escala.

A escala foi validada numa amostra constituída por 274 sujeitos, entre os 14 e os 84 anos ($M=50.48$), sendo 92 sujeitos do sexo masculino (33.6%) e 182 do sexo feminino (66.4%). No que diz respeito às habilitações literárias, 35% tem o 4^a ano de escolaridade ($n=96$), 20.1% tem o 9^a ano ($n=55$), 10.6% tem o 6^o ano ($n=29$ sujeitos), 10.6% tem o ensino superior ($n=29$), 9.9% tem menos do 4^o ano de escolaridade ($n=27$), 9.5% tem o 12^o ano ($n=26$) e 3.6% tem o ensino médio ($n=10$). Destes, 55.1% tem um nível sócio-económico baixo ($n=151$), 40.9% tem um nível médio ($n=112$) e somente 4% tem um nível sócio-económico elevado ($n=11$). Quanto à etapa do ciclo vital, das famílias participantes no estudo, a maioria (32.1%, $n=88$) encontra-se na etapa “família lançadora”, 22.6% ($n=62$) encontra-se na etapa “família na reforma”, 12.8% ($n=35$) na etapa “família com filhos adolescentes”, 10.2% ($n=28$) na etapa “ninho vazio”, 8.8% ($n=21$) na etapa “família com filhos em idade escolar”, 6.2% ($n=17$) na etapa “família com filhos pequenos ou no pré-escolar”, 4.4% ($n=12$) na etapa “casal sem filhos” e, por fim, em 2.6% ($n=12$) não se aplicou nenhuma das etapas. Na análise factorial da escala foi utilizada uma rotação *varimax*, e segundo o critério de Kaiser, foi possível extrair 7 factores. Dois destes factores (6 e 7) apresentaram uma consistência interna inadmissível (<0.60), pelo que os itens que nele saturavam (itens 3, 11, 13, do factor 6 e os itens 7, 15, 19 e 28) não foram utilizados o nosso estudo. Na escala total obtivemos um *alfa* de 0.866. Os restantes 5 factores foram enquadrados de modo similiar ao do autor: Factor 1 (Apoio Social): itens 1,2,4,5,6,16,21 e 25 (*alfa*=0.799); Factor 2 (Apoio Espiritual): itens 14, 23, 27 e 30 (*alfa*=0.783); Factor 3 (Apoio Formal): itens 8, 10, 18 e 29 (*alfa*=0.702); Factor 4 (Reenquadramento): itens 7, 20, 22 e 24 (*alfa*=0.625) e Factor 5 (Avaliação Passiva): itens 9, 12, 17 e 26 (*alfa*=0.612). O facto de alguns itens terem “caído”, e não se enquadrarem nas sub-escalas propostas, poderá estar relacionado com diferentes aspectos, nomeadamente com as características da amostra (por exemplo, idade, género, escolaridade, nível sócio-económico e religião) e com questões culturais.

De seguida, apresentaremos um modelo hipotético de relação entre as variáveis do nosso estudo empírico:

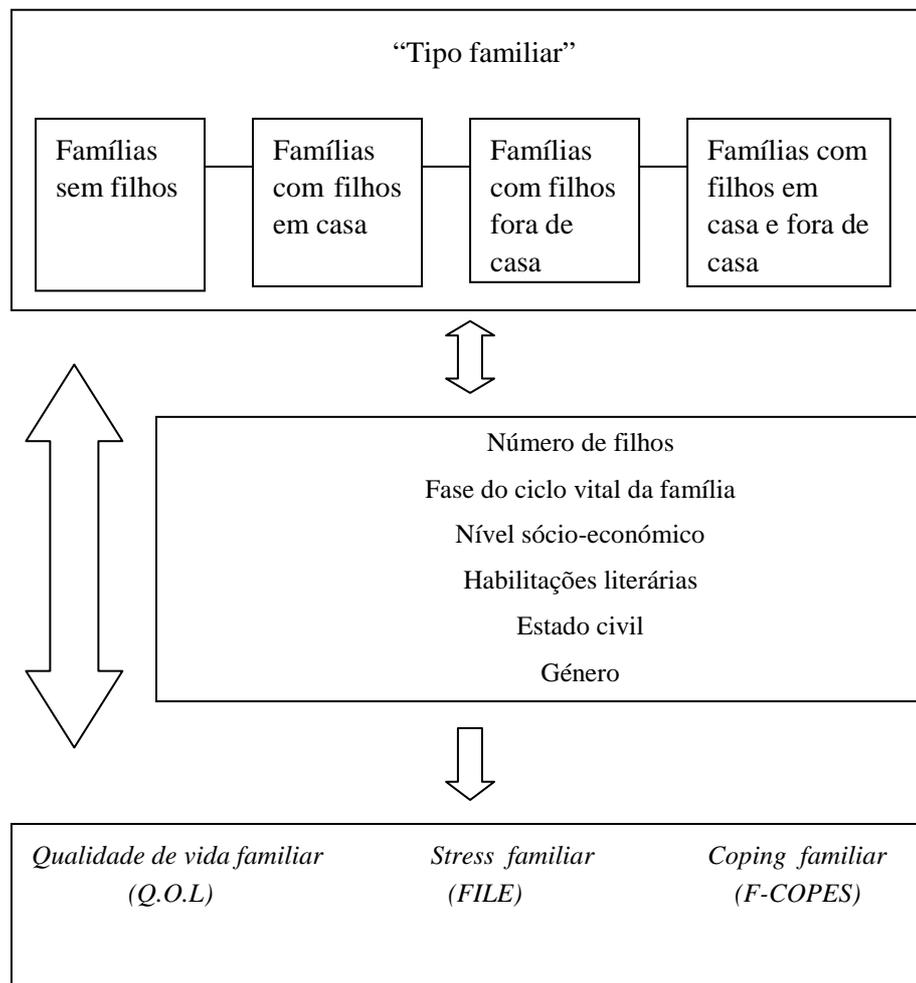


Figura 1: Modelo conceptual

4 – Resultados

Com o objectivo de realizar o tratamento estatístico dos dados e testar o nosso modelo conceptual, utilizámos um teste paramétrico de análise da variância (ANOVA) e fizemos ainda uso de um procedimento de comparação múltipla de médias (Teste Tukey), almejando comparar as diferenças entre as médias dos totais de cada instrumento de avaliação e, no caso do *Qualidade de Vida* e *F-COPES*, também para para cada uma das suas dimensões ou sub-escalas. A ANOVA permitiu-nos comparar diferenças entre grupos. De referir que, os sujeitos da amostra global não preencheram todos os questionários, daí que o número de sujeitos (n) vá variando.

Foram assim obtidos os seguintes resultados:

Qualidade de Vida

Ao analisar o efeito do “Tipo familiar” (cf. Tabela 1) no resultado do QOL, verificamos que este não demonstrou ter uma influência estatisticamente significativa, de modo global ($p=0.434$) mas, nas dimensões “Saúde” ($p=0.044$), “Tempo” ($p=0.000$) e “Rendimento” ($p=0.029$) existem influências estatisticamente significativas. Na dimensão “Saúde” o Teste Tukey localiza a diferença ao nível das *famílias com filhos em casa* \neq *famílias com filhos fora de casa* ($p=0.032$). São as *famílias com filhos em casa* que apresentam uma média mais elevada ($M=6.0168$; $DP=1.60$). Na dimensão “Tempo” pudemos distinguir as *famílias com filhos em casa* \neq *famílias com filhos fora de casa* ($p=0.000$). Aqui, são as *famílias com filhos fora de casa* que apresentam uma média mais elevada ($M=13.8286$; $DP=3.39$). Na dimensão “Rendimento”, o Teste Tukey localizou as diferenças nas *famílias com filhos em casa* \neq *família com filhos fora de casa* ($p=0.050$). Mais uma vez as *famílias com filhos fora de casa* apresentam uma média mais elevada ($M=17.9857$; $DP=5.11$).

Ao nível do “Número de filhos” (cf. Tabela 2) não encontramos diferenças estatisticamente significativas.

Quanto ao efeito da “Fase do ciclo vital da família” (cf. Tabela 3), foram detectadas diferenças significativas nas dimensões “Tempo” ($p=0.000$), sendo que através do Teste Tukey se encontraram diferenças a nível de: *casal sem filhos* \neq *família na reforma* ($p=0.047$), *família com filhos em idade escolar* \neq *família na reforma* ($p=0.001$), *família com filhos adolescentes* \neq *família na reforma* ($p=0.000$), sendo que são as famílias na reforma a apresentar os resultados mais elevados ($M=14.1864$); $DP=2.83$), sendo estas as famílias que mais aparentam estar satisfeitas com a sua *qualidade de vida* no que diz respeito ao tempo que para si, para a família, para a lida da casa e para ganhar dinheiro, e família com filhos adolescentes \neq família lançadora (sendo esta a que evidencia uma média mais elevada: $M=12.6977$; $DP=3.62$) ($p=0.018$). Na dimensão “Rendimento” ($p=0.002$), através do Teste Tukey, observámos a diferenciação entre dois pares: *família lançadora* \neq *família na reforma* ($p=0.019$), *ninho vazio* \neq *família lançadora* ($p=0.004$). No primeiro par temos o *ninho vazio* a apresentar uma média mais elevada ($M=18.7586$; $DP=5.32$). No segundo par é a *família na reforma* a que apresenta uma média mais elevada ($M=17.6102$; $DP=4.62$).

A nível do efeito do “Nível sócio-económico” (cf. Tabela 4), encontramos duas diferenças significativas nas dimensões “Saúde” e “Tempo”. Quanto à primeira, verificámos um valor de significância (ANOVA) $p=0.022$, e para a segunda, uma significância de 0.024 , sendo que nesta, o Teste Tukey encontrou diferenciação entre o nível sócio-económico elevado e baixo ($p=0.030$), sendo que o nível sócio-económico baixo foi o que apresentou os resultados médios mais elevados ($M=12.8794$; $DP=3.74$).

No que ao efeito das “Habilitações literárias” diz respeito (cf. Tabela 5), foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em cinco dimensões: “Saúde” ($p=0.038$), “Lar e educação” ($p=0.036$), “Religião” ($p=0.005$), “Religião”, “Tempo” e “Rendimento”. Através do Teste de Tukey, na dimensão “Religião” ($p=0.005$) foram encontradas diferenças nos

seguintes grupos: <4º ano ≠ 9º ano (p=0.003), 4º ano ≠ 9º ano (p=0.040). Foram os sujeitos com o 9º ano de escolaridade que mostraram resultados mais baixos (M=5.8511; DP=1.73), demonstrando ser aqueles que se encontram menos satisfeitos com a vida religiosa da família e da comunidade. Na dimensão “Tempo” (p=0.000), obteve-se uma diferença estatística muito significativa e o Teste de Tukey diferenciou os grupos seguintes: <4º ano ≠ 6º ano (p=0.002), <4º ano ≠ 9º ano (p=0.030); <4º ano ≠ 12º ano (p=0.001); <4º ano ≠ ensino superior (p=0.003). Os valores mais elevados foram encontrados entre os resultados dos sujeitos com menos do 4º ano (M=15.0000; DP=3.19), pelo que são os sujeitos com menos estudos que se mostram mais satisfeitos com a quantidade de tempo livre, com o tempo para si, para a sua família, para a vida da casa e para ganhar dinheiro. Na “dimensão rendimento” não foram detectadas diferenças através do teste *Post-Hoc*.

A variável “Estado Civil” (cf. Tabela 6) demonstrou ter uma influência estatisticamente muito significativa na escala global (p=0.001). Através do teste *Post Hoc* (Tukey) foram sinalizadas diferenças em dois pares: solteiro (M=128.1250; DP=11.12) ≠ divorciado (p=0.024) e casado (M=126.3430; DP=17.57) ≠ divorciado (p=0.002), sendo os sujeitos divorciados a apresentar os resultados mais baixos (M=108.8667; DP=15.59), pelo que é este o estado civil que apresenta uma mais baixa percepção global acerca da sua *qualidade de vida*. Os resultados relativos a cinco dimensões foram considerados estatisticamente significativos: “Casamento”, “Amigos”, “Lar e educação”, “Tempo” e “Rendimento”. Relativamente à dimensão “Casamento”, obtivemos um valor p=0.000, sendo que se encontraram posteriormente diferenças em três grupos: solteiro ≠ divorciado (p=0.048); casado ≠ divorciado (p=0.000); união de facto ≠ divorciado (p=0.020). São os sujeitos divorciados que apresentam resultados mais baixos no que diz respeito à percepção da satisfação quanto ao seu casamento e vida familiar. Quanto à dimensão “Amigos” (p=0.053) não foram encontradas diferenças através do Teste Tukey. Na dimensão “Saúde” e apesar de pelo Teste ANOVA não terem sido encontradas diferenças significativas (p=0.076), o Teste Tukey encontrou diferenças estatisticamente significativas: viúvo ≠ solteiro (p=0.033), sendo os segundos a apresentar resultados mais elevados (M=6.5625; DP=1.31). Na dimensão “Lar e educação” (p=0.001) também foram encontradas diferenças significativas em três pares: solteiro ≠ divorciado (p=0.001), solteiro ≠ viúvo (p=0.049); casado ≠ divorciado (p=0.007). Tanto no primeiro como no segundo par são os sujeitos solteiros que obtêm resultados superiores (M=25.3125; DP=3.66). No terceiro e último par, são os casados a apresentar uma média mais elevada (M=22.8937; DP=4.42). Na dimensão “Tempo” (p=0.017) e “Rendimento” (p=0.044), o teste *Post Hoc* não conseguiu encontrar diferenças.

Por fim, a variável “Género” (cf. Tabela 7) não mostra ter uma influência estatisticamente significativa no *Qualidade de Vida*.

FILE

Aquando da análise do “Tipo familiar” (cf. Tabela 8) nos resultados

do *FILE*, pudemos encontrar que este tem um efeito altamente significativo na escala global ($p=0.004$). O Teste Tukey encontrou diferenças significativas em vários pares: *família com filhos em casa* (sendo que são estes sujeitos que apresentam uma média mais elevada: $M=9.1261$; $DP=4.84$) \neq *família com filhos fora de casa* ($p=0.015$), *família com filhos dentro e fora de casa* \neq *família com filhos fora de casa* (0.006). Neste último par, são os sujeitos das famílias com filhos simultaneamente dentro e fora de casa a apresentar resultados mais elevados ($M=10.1136$; $DP=6.78$).

Os resultados relativos ao “número de filhos” (cf. Tabela 9) não se mostraram estatisticamente significativos.

Associado à “Fase do ciclo vital” (cf. Tabela 10) encontrámos um $p=0.002$ (ANOVA), o que demonstra a sua significância. O Teste *Post Hoc* utilizado detectou diferenças significativas nas etapas seguintes: *família com filhos em idade escolar* \neq *família na reforma* ($p=0.005$), *família lançadora* \neq *família na reforma* ($p=0.001$). No primeiro par temos resultados médios superiores nas famílias com filhos em idade escolar ($M=10.8333$; $DP=4.9$). No segundo par, são os indivíduos das *famílias lançadoras* a obter resultados superiores, o que é visível através de uma média igual a 9.8721 e de um desvio-padrão igual a 6.09).

Relativamente ao efeito das variáveis “Nível sócio-económico” (cf. Tabela 11) ($p=0.740$), “Habilitações Literárias” (cf. Tabela 12), ($p=0.069$), “Estado Civil” (cf. Tabela 13) ($p=0.110$) e “Género” (cf. Tabela 14) ($p=0.233$) no *FILE* não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

F-COPES

A análise estatística não revelou significância estatística para o efeito do “Tipo familiar” no *F-COPES* (cf. Tabela 15), escala global ($p=0.648$), nem para as dimensões “Apoio Formal” ($p=0.344$), “Reenquadramento” ($p=0.921$) e “Avaliação Passiva” ($p=0.371$). Contudo, nas duas dimensões “Apoio Social” ($p=0.046$) e “Apoio Espiritual” ($p=0.005$) obtivemos significância estatística. Quanto à primeira dimensão “Apoio Social”, não foi possível localizar as diferenças através do Teste Tukey, mas tal já foi possível na dimensão “Apoio Espiritual”, onde o teste *Post Hoc* distinguiu vários pares: *família sem filhos* \neq *família com filhos fora de casa* ($p=0.017$); *família com filhos em casa* \neq *família com filhos fora de casa* ($p=0.017$); *famílias com filhos fora de casa* \neq *família com filhos dentro e fora de casa* ($p=0.053$). Em qualquer dos casos ressaltam os valores mais elevados das *famílias com filhos fora de casa* ($M=14.01$; $DP=3.25$), parecendo que ter “filhos fora de casa” é um factor de protecção. São estas famílias que mais procuram o “Apoio Espiritual” como estratégia de *coping*.

Os resultados relativos à variável “Número de filhos” (cf. Tabela 16) não revelaram qualquer significância estatística, na sua globalidade ou nas suas dimensões.

O estudo ANOVA sobre a variável “Fase do ciclo vital” (cf. Tabela 17), mostrou uma significância estatística forte ($p=0.001$) na dimensão “Apoio Espiritual”. Com o teste Tukey foi possível perceber diferenças estatísticas entre: *casal sem filhos* \neq *família na reforma* ($p=0.010$); *família*

com filhos pequenos ou no pré-escolar \neq família na reforma ($p=0.029$), sendo os indivíduos das famílias na reforma os que apresentam valores mais elevados nesta dimensão do *FILE* ($M=14.18$; $DP=4.26$), sendo estas as famílias que mais utilizam o “Apoio Espiritual” como estratégia de *coping*. Na dimensão “Avaliação Passiva” foi obtida uma significância de 0.019 (*ANOVA*), mas não foi possível perceber onde se encontravam as diferenças (*Tukey*). Nos resultados relativos à “Escala Global” ($p=0.207$) e nas dimensões “Apoio Social” ($p=0.378$), “Apoio Formal” ($p=0.482$) e “Reenquadramento” ($p=0.544$) não foram encontradas diferenças estatísticas significativas.

A análise do “Nível sócio-económico” (cf. Tabela 18) revelou não haverem diferenças estatisticamente significativas a nível da Escala Global ($p=0.321$) e das dimensões “Apoio Social” ($p=0.516$), “Apoio Formal” ($p=0.503$) e “Reenquadramento” ($p=0.793$). O “Apoio Espiritual” revelou ser influenciado (com uma significância de 0.032) e através do Teste Tukey verificámos que as diferenças se encontravam entre os níveis baixo \neq médio ($p=0.038$), sendo o nível baixo o que mais recorre ao “Apoio Espiritual” como mecanismo de *coping*, já que revela valores superiores relativamente ao nível médio ($M=13.19$; $DP=3.89$). Na “Avaliação Passiva” ($p=0.053$), não foi possível encontrar a localização das diferenças (*Tukey*), contudo ficou apontada uma influência marginal.

A variável “Habilitações Literárias” (cf. Tabela 19) não revelou efeito estatisticamente significativo no *F-COPES*, escala global ($p=0.282$). A análise das dimensões “Apoio Social” ($p=0.483$), “Apoio Formal” ($p=0.599$) e “Reenquadramento” ($p=0.951$) não apresentou diferenças estatisticamente significativas. Duas dimensões, contudo, mostraram receber influências significativas: “Apoio Espiritual” ($p=0.002$) e “Avaliação Passiva” ($p=0.000$). Na primeira, o Teste Tukey encontrou diferenças nos seguintes pares: $<4^{\circ}$ ano \neq 9° ano ($p=0.002$); $<4^{\circ}$ ano \neq 12° ano ($p=0.023$) e $<4^{\circ}$ ano \neq ensino superior ($p=0.055$). Os sujeitos com o quarto ano de escolaridade ou menos do que isso obtiveram o resultado mais elevado ($M=14.96$), sendo os sujeitos com menores habilitações literárias os que mais recorrem ao “Apoio Espiritual” como mecanismo de *coping*. Quanto à segunda, “Avaliação Passiva”, as diferenças encontram-se nos seguintes grupos: 4° ano \neq ensino superior ($p=0.000$), pontuando mais alto os sujeitos com menos do 4° ano ($M=13.89$; $DP=3.31$) e 6° ano \neq ensino superior ($p=0.048$), obtendo os primeiros uma média mais elevada ($M=14.34$; $DP=2.78$).

Quanto ao efeito do “Estado Civil” (cf. Tabela 20), temos uma significância estatística na sua escala global ($p=0.052$), pese embora o Teste Tukey não ter conseguido revelar onde se encontravam as diferenças. Quanto às dimensões do *F-COPES*, apenas a dimensão “Apoio Espiritual” revelou receber influência estatisticamente significativa ($p=0.001$). Através do Teste Tukey constatámos diferenças entre os seguintes grupos solteiro \neq casado ($p=0.004$) e casado \neq divorciado ($p=0.026$), sendo que são os sujeitos casados a pontuar mais alto na escala ($M=13.22$; $DP=3.71$) e são assim os que mais parecem recorrer ao “Apoio Espiritual”. As dimensões “Apoio Social” ($p=0.279$), “Apoio Formal” ($p=0.474$), “Reenquadramento” ($p=0.951$) e “Avaliação Passiva” ($p=0.154$) não parecem ser influenciadas

pelo estado civil dos sujeitos.

A variável “Género” (cf. Tabela 21) não revelou influência estatisticamente significativa no *F-COPES* “Escala Global” ($p=0.281$), “Apoio Social” ($p=0.597$), “Apoio Espiritual” ($p=0.381$), “Apoio Formal” ($p=0.493$), “Reequadramento” ($p=0.601$) e “Avaliação Passiva” ($p=0.166$).

5 - Discussão

São várias as alterações sociais e económicas que têm vindo a marcar as últimas décadas e que acabam por ter repercussões na parentalidade, já que a família é um micro-sistema de outros sistemas maiores (macro-sistemas), como a sociedade. Tendo o intuito de perceber as relações existentes entre as diversas formas de parentalidade e algumas variáveis sócio-demográficas e a *qualidade de vida*, o *stress* e mecanismos de *coping* utilizados pelas famílias e usando a perspectiva sistémica, foram assim levantadas várias hipóteses.

Depois de uma exploração cuidada dos resultados obtidos pelo nosso estudo constatámos que:

Vários estudos referem que são cada vez menos as pessoas que escolhem casar ou ter filhos. Na nossa amostra, que não é representativa da população geral, são uma maioria as pessoas que escolheram ter filhos. São também uma maioria os sujeitos casados (Taylor & Taylor, 2001, *cit. in* Hoghughi & Long, 2004). Para Arendel (1997), apesar de todas as pressões actuais que possam fazer as famílias ponderar ter filhos, o ímpeto biológico continua a prevalecer, pelo que só uma minoria da nossa amostra optou (por opção pessoal ou devido a dificuldades da vida, que não serão aqui tidas em conta) por não ter filhos. Também, como referido por Hoghughi e Long (2004), ter um filho pode traduzir um objectivo a que muitos aspiram, o que pode ajudar a explicar o facto de haver só uma minoria da nossa amostra que opta por não ter filhos. O facto de a nossa amostra ser envelhecida e de nível sócio-económico maioritariamente baixo pode ajudar a perceber este facto, já que as alterações sociais e económicas que levam à decisão de não ter filhos são bastante mais recentes. Também a ideia, muito difundida em meios mais pequenos, de que “o casamento é para a vida” e “se não se casar nova fica para tia!” poderá ajudar a explicar a grande percentagem de casamentos.

Para Scott, Treas e Richards (2004), tem havido um aumento do número de pessoas com nível de educação superior e mais qualificações, o que explicaria o aumento do período de dependência dos filhos. A nossa amostra, pelo contrário traduz uma população com poucas habilitações literárias, o que poderá ser explicado pelos próprios locais onde se recolheu a amostra (instituições públicas e não privadas, e assim com custos mais baixos) e pelo facto do horário que estava disponível para a resposta aos questionários ser, em muitos dos casos, correspondentes aos horários laborais.

Se para Scott, Treas e Richards (2004), e Relvas e Alarcão (2002), nos últimos anos se tem verificado um aumento do número de divórcios, tal

não foi visível na nossa amostra, que evidencia ainda um baixo número de divórcios; a generalização das uniões de facto também não é visível através da nossa amostra, que aponta para uma minoria de sujeitos a viver de acordo com esse estado civil.

Terá, então, que se ter algum cuidado aquando da generalização de qualquer resultado que possa ser obtido no nosso estudo, já que a amostra não parece seguir as tendências actuais da sociedade no que a estas questões diz respeito.

Ao contrário do que seria de esperar pela revisão da literatura, na etapa *família com filhos pequenos*, onde se inicia a parentalidade, observou-se um ligeiro descréscimo no valor médio de *stress* percebido, relativamente à primeira etapa do ciclo vital, *casal sem filhos*, apesar de esta diferença não ser estatisticamente significativa. *As famílias com filhos pequenos* apresentam valores de *stress* percebido mais elevados relativamente aos valores apresentados pelas *famílias na reforma*. Talvez este resultado possa ser explicado por uma (suposta) melhor *qualidade de vida* percebida pelos indivíduos na fase da reforma, já que na escala global apresentam uma média superior, não obstante não ser significativa. Não será a experiência de vida ajudar no desenvolvimento de *mecanismos de coping* mais adaptativos, já que na escala global do *F-COPES* foi obtida uma média mais baixa nas *famílias na reforma*.

Para as *famílias com filhos na escola*, uma fonte de *stress* adicional é a entrada dos filhos no meio escolar e toda a avaliação familiar que é feita pela instituição “escola”. Contudo, apenas pudemos verificar que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ao nível das *famílias com filhos em idade escolar* e *famílias na reforma*. A média superior das primeiras vai de encontro ao referido, estando de acordo com o que esperávamos.

No que diz respeito à fase do ciclo vital *família com filhos adolescentes*, segundo a literatura, é esperado um novo ajuste à parentalidade, criação de novas dinâmicas no relacionamento familiar e surgimento de muitas mudanças. Curiosamente, os valores de *stress* percebido foram inferiores aos relatados pelas *famílias com filhos pequenos* e *casal sem filhos*, apesar de as diferenças não se terem mostrado estatisticamente significativas. Na dimensão *Casamento* do *Qualidade de Vida*, verifica-se que a média dos indivíduos nesta fase do ciclo vital (*família com filhos adolescentes*) se apresenta ligeiramente mais elevada relativamente à fase imediatamente anterior (*família com filhos em idade escolar*), o que vem em parte contra a literatura que diz que esta é a fase que apresenta a mais elevada taxa de divórcio. Não esperaríamos divórcios quando se relatam níveis elevados de satisfação com o casamento. Este facto poderá dever-se a características particulares da nossa amostra: talvez se tenham questionado os sujeitos “resistentes”, que não se divorciaram. De facto, na dimensão *Casamento*, e seguida da fase *família com filhos pequenos*, é a que apresenta a média mais alta. Tal se poderá também dever-se ao facto de pais (marido e mulher) se unirem face à pressão/ “agressão” dos filhos adolescentes. Os valores da escala global do *F-COPES* dizem-nos que estas famílias têm resultados mais baixos relativamente às *famílias com*

filhos pequenos e as famílias com filhos na escola. Portanto, daqui se depreende que seria muito importante ajudar estas famílias a nível das suas estratégias de *coping*, que precisam efectivamente de ser diferentes das usadas anteriormente já que os problemas não são os mesmos e os filhos já não têm a mesma idade ou as mesmas necessidades e vêem os pais com um outro olhar: os adolescentes precisam agora dos pais enquanto figuras de vinculação na reserva.

Relativamente às *famílias lançadoras* foram verificadas diferenças significativas, em termos de valores de *stress* percebido, entre *estas* e as *famílias na reforma*, apresentando as últimas valores bastante mais baixos. A literatura refere que, nesta etapa, com filhos já adultos (*família lançadora*), as mulheres passam por uma grande sobrecarga física e psíquica, vêem-se sobrecarregadas com o cuidar dos filhos que ainda não saíram de casa e com os seus próprios pais, que precisam, nesta fase da vida, de maior apoio. Pelo referido, podem apresentar elevados níveis de *stress*. De facto, na dimensão *Saúde do Qualidade de Vida* constatamos que a percepção das famílias da sua *qualidade de vida* a este nível é a mais baixa relativamente a todas as fases anteriores. Seria então importante dar um suporte maior a estas famílias, em termos de cuidados de saúde secundários ou paliativos e proporcionar momentos de diálogo para que se desenvolvessem estratégias de *coping* mais adequadas, que pudessem ajudar os indivíduos, em especial as mulheres, a lidar com esta sobrecarga, tentando, contudo arranjar soluções para que esta não ocorra, nomeadamente fazendo uma maior ligação dos serviços médicos e de psicologia, tentando fazer com que as redes sociais possam ser “chamadas” a intervir, nomeadamente através de projectos de intervenção em redes sociais mais próximas ou mais alargadas.

De acordo com a literatura, os pais parecem experienciar, de modo geral, a saída dos filhos de casa como um acontecimento positivo e a presença dos filhos em casa como um acontecimento indesejável. Não obstante, através do *Qualidade de Vida*, escala global, obtivemos que os resultados médios das *famílias com filhos fora de casa* eram mais elevadas do que o das *famílias com filhos em casa*, apesar destes valores não serem estatisticamente significativos. Este resultado foi, para nós, muito curioso. De modo empírico, tínhamo-nos apercebido de várias famílias que respondem muito mal à saída dos filhos de casa, não sabendo fazer uso das suas estratégias de *coping*, entrando algumas numa tristeza profunda. Seria assim interessante propor um programa de grupos de discussão com pais cujos filhos saíram de casa, de modo a que pudessem entre eles discutir o que sentiram, o que mudou nas suas vidas e comportamentos positivos e negativos face aos filhos.

Para Abbot e Brody (1985) os casais com filhos em casa reportavam níveis mais baixos de satisfação matrimonial, em oposição aos casais que não têm filhos em casa (*cit. in Pittman & Lloyd, 1988*). No nosso estudo verificámos o oposto. No *Qualidade de vida*, dimensão “Casamento”, as *famílias com filhos em casa* revelam valores mais elevados de satisfação, apesar de estes não serem estatisticamente significativos. Este resultado contradiz o resultado anterior, em que as *famílias com filhos fora de casa*

revelavam *maior qualidade de vida*, na escala global. Contudo, se for tido em conta que aqui nos referimos apenas à dimensão “Casamento”, pode ser levantada a hipótese de esta ser uma das áreas que sofre algum abalo quando não existem filhos em casa, já que o casal não se centra apenas nele, multiplicando as suas preocupações com os filhos.

A existência de crianças não parece afectar, de forma geral, a satisfação com a vida, pelo menos a dos adultos mais velhos (Glenn & McLanahan, 1981, *cit. in* Pittman & Lloyd, 1988). A nível do número de filhos, escala global, do *Qualidade de Vida* observa-se que a média obtida é muito similar nos “0” e “2” filhos, sendo ligeiramente mais baixo com “1” filho e aumentando bastante, para o valor mais alto na escala global, quando nos referimos a “3 ou mais filhos”. Assim, não só os nossos resultados corroboram os estudos anteriores como demonstram que quanto mais filhos as famílias da amostra têm, maior a sua satisfação com a vida familiar. Propomos explicar estes resultados através de uma propensão de algumas pessoas, por si só mais satisfeitas com a vida familiar, a ter mais filhos. Ou talvez o facto de terem mais filhos as façam sentir que a sua vida familiar seja mais satisfatória. As próprias características da amostra (maioritariamente *famílias lançadoras* e *famílias na reforma*) poderão ajudar a explicar estes valores mais elevados: efectivamente, os filhos já a chegar à fase adulta ou adultos, fornecem uma maior ajuda tanto económica como emocional aos pais que já estão numa idade avançada. Assim, poderá entender-se que quanto mais filhos, mais ajuda os pais obtêm e maior é a sua satisfação com a vida familiar.

Os dados obtidos no nosso estudo vão de encontro aos estudos de Pudrovska, Schieman e Carr (2006), que referem que o número de filhos está relacionado negativamente com as pressões individuais. Através do *FILE*, verificámos que, à medida que o número de filhos aumenta se reduzem os níveis de *stress* percebido. Este foi um dos resultados que nos surpreendeu, já que suponhamos que com o aumento do número de filhos (maior dispêndio económico e também emocional e as responsabilidades parentais a aumentar) os níveis de *stress* percebido fossem maiores.

Tal como esperado, os homens percebem a sua *qualidade de vida* na dimensão “Casamento”, de uma forma mais positiva do que as mulheres. Apesar das mudanças de mentalidade na sociedade, grande parte das tarefas domésticas e ligadas ao casamento caem ainda sobre as “costas” das mulheres, o que poderá levar a maior sobrecarga por parte destas e à sua visão menos positiva quanto à sua *qualidade de vida* no casamento. Contudo, as mulheres parecem relatar estar mais satisfeitas com a vida do que os homens, de modo mais geral.

A literatura refere maior pressão individual por parte das pessoas divorciadas ou viúvas relativamente àquelas que nunca tinham sido casadas. No nosso estudo, encontrámos valores que não são significativos mas que possibilitam verificar maiores valores de *stress* percebido pelos viúvos relativamente aos solteiros, mas não dos divorciados, que mantêm uma média ligeiramente mais elevada que os indivíduos que nunca se casaram. A morte de um familiar próximo, neste caso de esposo(a), parece aumentar os níveis de *stress*, por contraposto às pessoas que não passaram por esse

mesmo acontecimento.

Os dados bibliográficos consultados referem que as pessoas casadas têm um maior bem-estar do que as solteiras, e daí surgem conclusões de que estar casado maximiza a saúde e a *qualidade de vida*. O nosso estudo não replicou estes resultados. No *Qualidade de Vida*, escala global e dimensão “Saúde”, os solteiros tiveram resultados mais elevados. Só na dimensão “Casamento” são os casados a obter resultados mais elevados. Parece, assim, que o estado de saúde, ao invés de melhorar com o casamento, piora. A literatura vem ainda sugerir que acontecimentos de vida *stressantes* (transição para divórcio ou viuvez) podem ter efeitos positivos no bem-estar se envolverem a saída de papéis *stressantes*. No *Qualidade de Vida*, dimensão casamento, obtivemos diferenças estatisticamente significativas. São, assim, os sujeitos divorciados que apresentam a percepção mais baixa da sua *qualidade de vida familiar*, o que se poderá explicar por todas as mudanças pelas quais tiveram que passar e pelo terminar de uma relação. Não encontramos, assim, efeitos positivos desta transição, muito pelo contrário. São as pessoas em união de facto que apresentam resultados mais elevados na percepção da sua *qualidade de vida*, o que nos leva a questionar se mais importante para a *qualidade de vida familiar* é aquilo a que a sociedade chama de casamento ou a co-habitação com alguém com quem se tem um bom relacionamento e se partilha não só o espaço físico mas também o mental/emocional. Parece que é a presença de um relacionamento estável, mais do que um determinado estado civil, que aumenta a satisfação com a *qualidade de vida familiar*.

Alguns dados consultados referem também que estar casado é mais vantajoso que estar separado ou divorciado em termos de saúde física e mental mas é, sem dúvida, menos vantajoso do que ser solteiro. Foram encontradas diferenças significativas entre solteiros e viúvos, obtendo os primeiros valores mais elevados. Estes nossos resultados contrariam alguns estudos que referem que estar casado é mais vantajoso (em termos de saúde) que estar solteiro, divorciado ou viúvo. Parece, assim, que ser solteiro se torna mais vantajoso para o bem-estar físico e mental.

Dizem alguns estudos que as pessoas que mantêm relações íntimas são mais felizes e têm menos doenças. Levantamos uma questão: serão os benefícios do casamento os mesmos dos de quem vive em união de facto? Na dimensão “Saúde” do *Qualidade de Vida*, as diferenças estatísticas encontradas só distinguem os solteiros dos viúvos, sendo que são os solteiros a apresentar maior satisfação com a sua própria saúde e a dos outros membros da família. Estes dados não contradizem a teoria, já que se verifica que, uma pessoa divorciada, que acabou de terminar uma relação íntima, percebe a sua saúde de um modo menos satisfatório. Não foi feito nenhum estudo concreto quanto à veracidade ou não das doenças referidas, sendo que só nos podemos referir à percepção dos respondentes. Seria interessante que se fizessem mais estudos que comparassem a percepção acerca da saúde e a saúde propriamente dita, através de dados biológicos e médicos concretos.

Para Rinfuss e VandenHeuvel (*cit. in* Horwitz & White, 1998) as pessoas que vivem em união de facto têm mais semelhanças com as pessoas

casadas do que com as solteiras. Os nossos dados não seguem esta linha. Tendo em conta o *Qualidade de Vida*, apercebemo-nos de que as pessoas que vivem em união de facto são as mais satisfeitas com a sua vida, de modo geral, comparativamente às pessoas solteiras e casadas, estando a média dos solteiros mais próxima da das pessoas a viver em união de facto. Daqui podemos dizer que em termos gerais de *qualidade de vida familiar*, as pessoas em união de facto se parecem muito mais com as pessoas solteiras. Quando se tentam perceber as diferenças em termos de níveis de *stress* percebido, verificamos que os valores mais elevados de *stress* percebido pertencem aos sujeitos em união de facto, logo seguidos das pessoas solteiras. Mais uma vez, os sujeitos a viver em união de facto se assemelham mais aos sujeitos solteiros. Só no que às estratégias de *coping* diz respeito, de um modo geral, são os sujeitos casados a apresentar maiores competências, logo seguidos dos sujeitos em união de facto, pelo que neste ponto (e apenas neste) os indivíduos em união de facto mais se assemelham aos indivíduos casados.

A teoria refere que os pais vivem um maior *stress* do que as pessoas que não têm filhos, e que os pais solteiros têm mais problemas físicos e emocionais do que os casados. Ao analisar o efeito da variável “Tipo familiar” no *FILE*, e comparando as famílias sem filhos com os outros três “tipos de famílias”, não encontramos diferenças significativas, pelo que o nosso estudo não replica essa ideia. Quanto ao “Estado civil”, o que se pode dizer é que, de modo geral, e apesar de não se ter verificado significância estatística, a média dos sujeitos solteiros é mais elevada que a dos casados, demonstrando níveis mais elevados de percepção de *stress*.

Vários estudos dizem que os pais de menores exibem níveis mais elevados de *stress* do que os que não são pais ou que são pais de filhos já adultos (Kadel, Davies, & Raveis, 1985; Umberson & Gove, 1989, *cit. in* Scott, Treas, & Richards, 2004). Efectivamente, no nosso estudo só encontramos influência estatística significativa que pudesse explicar o efeito da variável “Fase do Ciclo Vital” na distinção das *famílias com filhos em idade escolar* e das *famílias lançadoras* comparativamente às *famílias na reforma*, apresentando as últimas valores mais baixos de *stress* e as primeiras os resultados mais elevados dos três pares. Daqui só se poderá concluir que os pais de menores em idade escolar e pais de jovens que se estão a tornar adultos percebem níveis mais elevados de *stress* do que os pais que já se encontram na fase da reforma, talvez pelo facto de terem que prestar maior número de cuidados aos seus filhos, que são em pequenos mais dependentes. Curiosamente, são as *famílias com filhos em idade escolar* as que apresentam, de modo geral, maiores estratégias de *coping* face aos outros pares.

Alguns dados bibliográficos, por nós consultados, relatam a tendência de que o nascimento de uma criança diminui a qualidade matrimonial. O nosso estudo replica esses resultados. Efectivamente, na dimensão “Casamento” do *Qualidade de Vida*, apesar de não se terem obtido efeitos estatisticamente significativos, é possível constatar uma descida na média relativa à qualidade percebida no casamento, na passagem entre “0” e “1” filhos. Por outro lado, vários estudos apontam também para um aumento

da felicidade matrimonial com o crescimento das crianças, e o nosso estudo verifica que com 2 e 3 ou mais filhos, a *qualidade de vida* relativamente à dimensão casamento vai sempre aumentando, o que, se por um lado se deve ao aumento do número de filhos, também temos aqui que pressupor o seu crescimento. Se se tiver em atenção também a variável “Fase do Ciclo Vital”, na dimensão “Casamento” do *Qualidade de Vida*, podemos notar um aumento na qualidade de vida do *casal sem filhos* para *família com filhos pequenos*, o que de algum modo contradiz os anteriores resultados. A satisfação desce na *família com filhos em idade escolar*, voltando a subir na etapa seguinte (*famílias com filhos adolescentes*), para descer (*família lançadora*) e se manter em valores próximos nas restantes etapas. Parece que não é tanto o crescimento biológico dos filhos que leva à diminuição da *qualidade de vida familiar*, mas sim a cada vez maior independência e autonomia da prole.

A associação negativa entre a educação e o *distress* psicológico não foi documentada no nosso estudo. Pudemos observar que os sujeitos com o ensino médio são os que apresentam valores mais elevados de *stress*, enquanto que são os sujeitos com menos do 4º ano a apresentar os valores mais baixos. Estes dados não nos surpreendem se tivermos em conta todas as mudanças sociais: cada vez mais Portugal é um país com elevado número pessoas instruídas mas onde ter mais estudos já não é sinónimo de um emprego bem remunerado, sendo muitas vezes mesmo um entrave por “excesso de qualificações”. As pessoas que têm poucos estudos mas que aprenderam um ofício em específico (carpinteiro, pintor, entre outros) são aquelas que, hoje em dia, têm menores preocupações a arranjar emprego e as que oferecem de um bom salário. Por tudo isto se verifica uma associação positiva entre educação e *distress*, em que os níveis de *stress* vão aumentando à medida que aumenta o nível de ensino: em muitos casos, os níveis mais baixos de escolaridade já não são sinónimo de dificuldades económicas e dos consequentes níveis de *stress* que daí podiam advir.

Seria importante referir algumas limitações do nosso estudo e apresentar algumas propostas para estudos futuros. Tendo em conta que a nossa amostra não é representativa da população geral, seria interessante que se fizessem novos estudos com uma amostra que representasse a população portuguesa.

Seria também de valor a realização de uma análise da variância multivariada, em que se pudesse analisar várias variáveis em simultâneo (por exemplo, o efeito do número de filhos tendo em conta a idade dos mesmos)

Não tendo sido possível trabalhar com o *FILE*, em todas as suas escalas/dimensões, seria relevante que fossem feitos outros estudos com este questionário.

6 – Conclusões

Tendo em conta a revisão de literatura e a nossa discussão de resultados passamos a destacar algumas conclusões:

- As alterações sociais e económicas das últimas décadas têm repercussões na parentalidade.

- A nossa amostra não mostrou seguir as tendências da sociedade actual a nível do número de filhos e estado civil.

- Para os nossos sujeitos, o início da parentalidade (*família com filhos pequenos*) não é um período de maior *stress*, mas um período de redução da tensão.

- A entrada dos filhos na escola é um momento de *stress familiar*.

-Na nossa amostra...

√ Os valores de *stress* percebido das *famílias com filhos adolescentes* foram inferiores aos relatados pelas *famílias com filhos pequenos e casal sem filhos*. A satisfação com o casamento dos indivíduos nesta fase do ciclo vital apresenta-se ligeiramente mais elevada relativamente à fase imediatamente anterior (*família com filhos em idade escolar*). As suas estratégias de *coping*, contudo, não estarão tão desenvolvidas quanto as das *famílias com filhos pequenos* e as *famílias com filhos na escola*.

√ As *famílias lançadoras* apresentam o nível de satisfação com a saúde individual e familiar mais baixo relativamente a todas as fases anteriores. Contudo, os pais experienciam a saída dos filhos de casa como um acontecimento positivo e a presença dos filhos em casa como um acontecimento indesejável, sendo que os níveis de satisfação com a vida de modo global são mais elevados nas *famílias com filhos fora de casa* do que os das *famílias com filhos em casa*.

√ As *famílias com filhos em casa* revelam valores mais elevados de satisfação com o casamento.

√ A existência de crianças não afecta, de forma geral, a satisfação com a vida. Aliás, à medida que aumenta o número de filhos aumenta a satisfação e reduzem-se os níveis de *stress* percebido e as estratégias de *coping* utilizadas.

√ As mulheres estão mais satisfeitas com a sua vida, de modo geral, enquanto que os homens parecem mais satisfeitos que estas quanto ao casamento. Os valores de *stress* percebido dos viúvos são mais elevados comparativamente aos das pessoas solteiras.

√ Os solteiros têm uma maior satisfação global e com a sua saúde e da sua família. A satisfação com a saúde parece sofrer um decréscimo com o casamento. São os divorciados que apresentam os níveis mais baixos de satisfação com a vida familiar enquanto que as pessoas a viver em união de facto apresentam os resultados mais elevados. Assim, ao contrário dos que diz a literatura, os acontecimentos de vida *stressantes* (divórcio ou viuvez) não parecem ter efeitos positivos no bem-estar.

√ Os nossos resultados não comprovam que as pessoas que mantêm relações íntimas sejam mais felizes e tenham menos doenças. Pelo contrário, são os solteiros a apresentar maior satisfação com a sua própria saúde e a dos outros membros da família.

√ Em termos gerais da percepção de *qualidade de vida familiar*, as pessoas em união de facto são mais parecidas com as pessoas solteiras. Em termos de níveis de *stress* percebido, os sujeitos a viver em união de facto, assemelham-se mais aos sujeitos solteiros. Só no que diz respeito às estratégias de *coping*, de um modo geral, os indivíduos em união de facto mais se assemelham aos indivíduos casados.

√ Ao contrário do que diz a teoria, os pais não parecem vivenciar um maior *stress* do que as pessoas que não têm filhos.

√ Os pais de menores em idade escolar e pais de jovens que se estão a tornar adultos têm níveis mais elevados de *stress* do que os pais que já se encontram na fase da reforma. Portanto, de modo geral, pais de filhos menores apresentam maiores níveis de *stress* do que os pais de filhos adultos.

√ O nascimento de um filho diminui a percepção da *qualidade de vida* quanto ao casamento. Observa-se depois um aumento da felicidade matrimonial com o crescimento das crianças. São os *casais sem filhos* os que revelam maior satisfação com o seu casamento, relativamente à *família com filhos pequenos*. Os níveis de satisfação só voltam a subir na etapa *família com filhos adolescentes*.

√ Há uma associação positiva entre educação e o *distress*, em que os níveis de *stress* vão aumentando à medida que aumenta o nível de ensino, ao contrário do que era previsto pela literatura a que tivemos acesso.

Bibliografia

- Alarcão, M. (2002). *(des) Equilíbrios Familiares. Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto.
- Baptista, T. M. (1988). Aspectos cognitivos do «stress» associado a alterações do estado de saúde. *Psiquiatria Clínica*, 9, (4), 281-286.
- Bizarro, L. (1988). Uma perspectiva desenvolvimentista o estudo do stress. *Psiquiatria Clínica*, 9, (4), 227-280.
- Canavarro, M.C., A.V., Pereira, M., Simões, M.R., Quintais, L., Quartilho, M.J., Rijo, D., Carona, C., Gameiro, S. & Paredes, T. (2006). Desenvolvimento do Instrumento de Avaliação da Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL-100) para português de Portugal. *Psiquiatria Clínica*, 27, (2,) 16-21.
- Gitelson, I. & McDermott, D. (2006). Parents and their young adult children: transitions to adulthood. *ProQuest Psychology Journal*, 85 (5), 853-866.
- Hoghughi, M. & Long, N. (2004). *Handbook of parenting theory and research for practice*. London: Sage.
- Horwitz, A. V. & White, H. R. (1998). The relationship of cohabitation and mental health: A study of a young adult cohort. *Journal of marriage and The Family*, 60, (2), 505-514.
- I.N.E. (1998a). Estatísticas Demográficas. Classificação Nacional das Profissões, versão de 1994.
- I.N.E. (1998b). Direcção Geral de Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano. Tipologia das áreas urbanas.
- Lorenz, F. O., Simmons, R. L., Conger, R. D., Glen H. Jr. & et al. (1997). Married and recently divorced mothers stressful events and distress: tracing change across time. *Journal of Marriage and the Family*, 59, (1), 219-232.
- Mookherjee, H. N. (1997). Marital status, gender, and perception of well-being. *The Journal of Socil Psychology*, 137 (1), 95-105.
- Olson, D., McCubbin; H.; Barnes, H.; Larsen, A.; Muxen, M. & Wilson, M.(1983). *Families, What makes them work*. Beverly Hills: Sage Publications.
- Olson, D., McCubbin; H.; Barnes, H.; Larsen, A.; Muxen, M. & Wilson, M.(1985). *Family inventories. Inventories used in a nacional survey of families across the life cycle*. St. Paul, University of Minnesota.
- Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2005). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo, 4ª Edição.
- Pittman, J. & Lloyd, S. (1988). Quality of family life, social support and stress. *Journal of Marriage and the family*, 50, (1), 53-67.
- Pudrovska, T., Schieman, S. & Carr, D. (2006). Strains of singlehood in later life: do race and gender matter?. *The Journals of Gerontology*, 61B (6), 315-322.
- Relvas, A. P.& Alarcão, M. (2002). *Novas formas de família*. Coimbra: Quarteto.
- Relvas, A. P. (2005). Família e stress: das crises normativas às crises

inesperadas. Como intervir numa perspectiva sistémica. In A. M. Pinto & A. C. Silva (ed.). *Stress e bem-estar. modelos e domínios de aplicação*. Lisboa: Climepsi (pp. 43-58).

Relvas, A. P. (2000). *O ciclo vital da família*. Perspectiva sistémica. Porto: Edições Afrontamento.

Ross, C. E. & Van Willigen, M. (1997). Education and the subjective quality of life. *Journal of Health and Social Behavior*, 38, (3), 275-297.

Scott, J., Treas, J. & Richards, M. (2004). *The Blackwell companion to the sociology of families*. U.S.A.: Blackwell Publishing.

Simon, R. W. (1998). Assessing sex differences in vulnerability among employed parents: The importance of marital status. *Journal of Health and Social Behavior*, 39, (1), 38-54.

Vaz Serra, A. (1988). Um estudo sobre coping: o inventário de resolução de problemas. *Psiquiatria Clínica*, 9, (4), 301-316.

Williams, K. (2003). Has the future of marriage arrived? A contemporary examination of gender, marriage, and psychological well-being. *Journal of Health and Social Behavior*, 44, (4), 470-487.

Yang, O. (2003). Family structure and relations. *Social Indicators Research*, 62, (1), 121-148.

Anexos

Anexo 1: Carta de apresentação do projecto de investigação



A Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (Mestrados em Psicologia Clínica [Sistémica] e Avaliação Psicológica) está a levar a cabo um Projecto de Investigação sobre o stress e bem estar familiares que procura contribuir para uma intervenção mais ajustada por parte dos técnicos que, nos diferentes serviços, lidam com as famílias.

Para tal, solicitamos a sua colaboração e a da sua família, através do preenchimento de alguns questionários. Os dados para este estudo serão recolhidos exclusivamente consigo e com a sua família. O anonimato está garantido já que os resultados não serão analisados individualmente mas em termos gerais, conjuntamente com as respostas dos outros participantes.

Agradecemos a sua ajuda, sem a qual este estudo não seria possível.

(Professora Doutora Ana Paula Relvas)

Anexo 2: Questionário sócio-demográfico

Questionário demográfico

Código: _____

____/____/____
 (dia) (mês) (ano)

Dados pessoais:

Nacionalidade: portuguesa outra: _____

Local de residência (indique apenas a terra/local):
 _____**Agregado familiar:**

1. _____ (parentesco) (próprio)	2. _____ (parentesco)	3. _____ (parentesco)
Idade: ____	Idade: ____	Idade: ____
Estado civil: _____	Estado civil: _____	Estado civil: _____
* data: _____	* data: _____	* data: _____
Hab. Literárias/escolaridade: _____	Hab. Literárias/escolaridade: _____	Hab. Literárias/escolaridade: _____
Profissão principal: _____	Profissão principal: _____	Profissão principal: _____

4. _____ (parentesco)	5. _____ (parentesco)	6. _____ (parentesco)
Idade: ____	Idade: ____	Idade: ____
Estado civil:	Estado civil:	Estado civil:
_____	_____	_____
* data:	* data:	* data:
_____	_____	_____
Hab.	Hab.	Hab.
Literárias/escolaridade:	Literárias/escolaridade:	Literárias/escolaridade:
_____	_____	_____
_____	_____	_____
Profissão principal:	Profissão principal:	Profissão principal:
_____	_____	_____
_____	_____	_____

Filhos que eventualmente tenham saído do agregado familiar:

1. _____ (parentesco)	2. _____ (parentesco)	3. _____ (parentesco)
Idade: ____	Idade: ____	Idade: ____
Estado civil:	Estado civil:	Estado civil:
_____	_____	_____
* data:	* data:	* data:
_____	_____	_____
Hab.	Hab.	Hab.
Literárias/escolaridade:	Literárias/escolaridade:	Literárias/escolaridade:
_____	_____	_____
_____	_____	_____
Profissão principal:	Profissão principal:	Profissão principal:
_____	_____	_____
_____	_____	_____

Religião/ Grupo Religioso: não sim:___

Nº de filhos: 1 2 3 4 5 6 7 8 ou +

Relativamente ao elemento do agregado familiar considerado a principal fonte de suporte da família, indique:

Situação na profissão:

patrão	desempregado
trabalhador por conta própria, sem assalariados	reformado
trabalhador por conta de outrem	pensionista por invalidez

³Etapa do ciclo vital:

¹Nível sócio-económico:

³ Campos a preencher pelo terapeuta, no final da entrevista

Anexo 3: Ficha de dados complementares

Ficha de Dados Complementares

- 1. 1.1.** Alguém, na família, sofre de alguma doença crónica (p.ex. diabetes, asma, hipertensão, Sida, consumos, psicose)?

Sim Não

Quem? _____

Doença(s): _____

Em caso afirmativo, como classifica o impacto da doença na família?

Muito fraco					Muito forte
1	2	3	4	5	

Percepção do índice de gravidade da doença:

Ligeira Moderada Severa

Justifique _____

- 1.2.** Existe na família outro tipo de problema (p.ex. obesidade, nervos, depressão)? Sim Não

Qual? _____

Em caso afirmativo, como classifica o impacto do problema na família?

Muito fraco					Muito forte
1	2	3	4	5	

Percepção do nível de gravidade do problema:

Ligeira Moderada Severa

Justifique _____

- 1.3.** Na doença ou noutras situações difíceis (p.ex. emocionais, excesso de responsabilidades) com que apoio é que a família mais pode contar? Numere por ordem decrescente:

Da Família Chegada

Da Família Alargada

Da Comunidade (vizinhos, amigos...)

De Instituições (apoio social, médico)

2. Como é que avalia o stress da família?

Muito pouco Muitíssimo
 1 2 3 4 5

3. Como é que avalia a qualidade de vida da família?

Muito boa Muito má
 1 2 3 4 5

4. Como é que acha que a sua família se adapta, em geral, às dificuldades?

Muito bem Muito Mal
 1 2 3 4 5

Questões Específicas:

Centros de Saúde

5. Quantas vezes, por ano, recorre ao seu Centro de Saúde (em média)?

0-2 2-4 4-6 +6

Assinale por ordem decrescente os 5 motivos mais frequentes pelos quais a sua família costuma recorrer ao Centro de Saúde:

Saúde Materna <input type="checkbox"/>	Diabetes <input type="checkbox"/>
Saúde Infantil <input type="checkbox"/>	Tensão Arterial Alta <input type="checkbox"/>
CAJ <input type="checkbox"/>	Consulta de Psicologia <input type="checkbox"/>
Consulta do Adulto <input type="checkbox"/>	Consulta anti-tabágica <input type="checkbox"/>
Consulta do Idoso <input type="checkbox"/>	Vacinação <input type="checkbox"/>
Planeamento Familiar <input type="checkbox"/>	Pedir receitas <input type="checkbox"/>
Rastreio (p.ex. pedir exames) <input type="checkbox"/>	Urgências <input type="checkbox"/>
Rotina/ Check-up <input type="checkbox"/>	Outros: _____

CEIFAC/ NUSIAF

6. Como teve conhecimento desta instituição?

7. Qual a situação/problema que o fez recorrer a estas consultas de Terapia Familiar?

Hospital Pediátrico

- 8.** Qual a situação/problema que o fez recorrer a estas consultas neste serviço do Hospital Pediátrico?

- 9.** Quem o encaminhou para este serviço do Hospital Pediátrico?

Anexo 4: *F-COPES* (Family Crisis Oriented Personal Evaluation Scale)

F- COPES

Escalas de avaliação pessoal orientadas para a crise em família

(H. C. McCubbin, D. H. Olson, A. S. Larsen, 1981)

Versão Portuguesa de A. Vaz Serra, H. Firmino, C. Ramalheira, M. C. Sousa Canavarro, 1990 (Adaptado)

Objectivo

O F- C.O.P.E.S. foi criado para inventariar atitudes e comportamentos de Resolução de Problemas que as famílias desenvolvem como resposta a problemas ou dificuldades.

Instruções

Por favor leia cada afirmação e decida em que grau descreve as atitudes e comportamentos da sua família ao confrontar-se com problemas ou dificuldades. Cada atitude ou comportamento descrito a seguir ocorre na sua família:

- (1) Nunca = 0% do tempo [Discordo muito]
- (2) Raramente = menos de 25% do tempo [Discordo moderadamente]
- (3) Por vezes = mais de 25% e menos de 50% do tempo [Não concordo nem discordo]
- (4) Frequentemente = 50% ou mais mas não todo o tempo [Concordo moderadamente]
- (5) Sempre = 100% do tempo [Concordo muito]

Por favor desenhe um círculo em redor de um dos números (1, 2, 3, 4, ou 5) de modo a classificar cada afirmação. Obrigado.

Quando na nossa família nos confrontamos com problemas ou dificuldades, comportamo-nos da seguinte forma:	Discordo muito	Discordo moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo moderadamente	Concordo muito
1. Compartilhamos as nossas dificuldades com os familiares	1	2	3	4	5
2. Procuramos o encorajamento e o	1	2	3	4	5

apoio de amigos					
3. Sabemos que temos capacidade para resolver os problemas mais importantes	1	2	3	4	5
4. Procuramos informações e conselhos de pessoas de outras famílias que passaram por problemas semelhantes	1	2	3	4	5
5. Procuramos conselhos de parentes próximos (avós, etc)	1	2	3	4	5
6. Procuramos auxílio de instituições criadas para ajudar famílias numa situação como a nossa	1	2	3	4	5
7. Sabemos que a nossa família tem recursos próprios para resolver os nossos problemas	1	2	3	4	5
8. Recebemos ofertas e favores de vizinhos (por exemplo comida, tomar conta do correio, etc.)	1	2	3	4	5
9. Procuramos informação e conselhos junto do médico de família	1	2	3	4	5
10. Pedimos aos nossos vizinhos que nos façam	1	2	3	4	5

favores e nos dão assistência					
11. Encaramos os problemas de frente e procuramos soluções de forma activa e rápida	1	2	3	4	5
12. Vemos televisão	1	2	3	4	5
13. Mostramos que somos fortes	1	2	3	4	5
Quando na nossa família nos confrontamos com problemas ou dificuldades, comportamo-nos da seguinte forma:	Discordo muito	Discordo moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo moderadamente	Concordo muito
14. Frequentamos a igreja e vamos à missa	1	2	3	4	5
15. Aceitamos os acontecimentos perturbadores como parte integrante da vida	1	2	3	4	5
16. Partilhamos as nossas preocupações com os amigos íntimos	1	2	3	4	5
17. Sabemos que a sorte tem um papel importante na resolução dos nossos problemas familiares	1	2	3	4	5

18. Fazemos exercício físico com os amigos para nos mantermos uma boa condição física e reduzir a tensão	1	2	3	4	5
19. Aceitamos que as dificuldades acontecem de forma inesperada	1	2	3	4	5
20. Convivemos com a família (jantares, encontros, etc.)	1	2	3	4	5
21. Procuramos conselho e ajuda profissional para resolver as dificuldades familiares	1	2	3	4	5
22. Acreditamos que podemos lidar com os nossos próprios problemas	1	2	3	4	5
23. Participamos em actividades religiosas	1	2	3	4	5
24. Definimos o problema familiar de uma forma mais positiva de maneira a que não nos sintamos demasiado desencorajados	1	2	3	4	5
25. Perguntamos aos nossos familiares o que sentem sobre os problemas com que nos defrontamos	1	2	3	4	5
26. Sentimos que apesar de tudo o	1	2	3	4	5

que possamos fazer teremos dificuldade em lidar com os problemas					
27. Procuramos o conselho de um padre	1	2	3	4	5
28. Acreditamos que se deixarmos passar o tempo o problema desaparecerá	1	2	3	4	5
29. Partilhamos os problemas com os nossos vizinhos	1	2	3	4	5
30. Temos fé em Deus	1	2	3	4	5

Anexo 5: *FILE***FILE****Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida**

(H. I. McCubbin, J. M. Patterson, L. R. Wilson, 1981)
 Versão Portuguesa de A. Vaz Serra, H. Firmino, C. Ramalheira, M. C. Sousa Canavarro, 1990
 (Adaptado)

Pai	<input type="checkbox"/>	Sexo		Idade		Data	
Mãe	<input type="checkbox"/>	Masculino	<input type="checkbox"/>		<input type="text"/>		<input type="text"/>
Filho	<input type="checkbox"/>	Feminino	<input type="checkbox"/>				

Profissão (do próprio ou do chefe de família): _____ Grau de Instrução: _____

Objectivo

Ao longo da vida, todas as famílias experimentam mudanças em resultado do crescimento e desenvolvimento normal dos seus membros. A lista que se segue de modificações da vida familiares podem acontecer a uma família em qualquer altura. Porque os membros de uma família estão ligados uns aos outros, uma mudança de vida num dos seus membros afecta as outras pessoas da família em certa medida.

Deve entender-se "FAMÍLIA" como um grupo de duas ou mais pessoas que vivem juntos e estão relacionados por laços sanguíneos, pelo casamento ou por um processo de adopção. Neste sentido, inclui pessoas com quem vive actualmente e em relação às quais tem uma ligação forte, estável e duradoira.

Instruções

" A MUDANÇA ACONTECE NA SUA FAMÍLIA? "

Por favor, leia cada mudança de vida familiar que está assinalada e decida se esta aconteceu a algum dos membros da sua família, inclusivé consigo próprio.

• DURANTE O ANO PASSADO

Primeiro, verifique se a mudança ocorreu durante os últimos 12 meses e marque uma cruz no SIM ou no NÃO, conforme o seu caso.

• ANTES DO ANO PASSADO

Para algumas das *mudanças familiares* assinaladas, verifique se alguma vez ocorreram antes do ano que passou e marque uma cruz 'x(x) no SIM ou no NÃO, conforme o seu caso. Poderá responder duas vezes SIM, desde que a mudança tenha ocorrido no ano que passou e em qualquer ocasião mais anterior.

	Aconteceu alguma mudança na sua família?				Pontuação
	Durante o ano passado		Antes do ano passado		
	Sim	Não	Sim	Não	
I. Tensões Intra-familiares					
1. Aumento do período de tempo que o pai/marido passa longe da família	○	○	○	○	

2. Aumento do período de tempo que a mãe/mulher passa longe da família	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
	Aconteceu alguma mudança na sua família?				Pontuação
	Durante o ano passado		Antes do ano passado		
	Sim	Não	Sim	Não	
3. Um dos membros parece andar nervoso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
4. Um dos membros aparenta estar dependente do álcool ou das drogas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
5. Aumento dos conflitos entre marido e mulher	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
6. Aumento das discussões entre pais e filhos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
7. Aumento dos conflitos entre os diversos filhos na família	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
8. Aumento das dificuldades em lidar com os adolescentes da família	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
9. Aumento das dificuldades em lidar com as filhos em idade escolar (6-12 anos)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
10. Aumento das dificuldades em lidar com as filhos em idade pré-escolar (2 1/2-6anos)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
11. Aumento das dificuldades em lidar com as filhos entre 1-2 1/2 anos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
12. Aumento das dificuldades em lidar com os bebés	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
13. Aumento das actividades "fora de casa" em que os filhos estão envolvidos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
14. Aumento do desagrado a respeito dos amigos ou das actividades de algum membro da família	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
15. Aumento do número de problemas e assuntos que não são resolvidos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
16. Aumento do número de tarefas ou objectivos que não são concluídos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
17. Aumento dos conflitos com os parentes do marido/mulher	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
II. Tensões conjugais					
18. O cônjuge, ou um dos pais, separou-se ou divorciou-se	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	

19. O cônjuge ou um dos pais, tem uma relação extra-conjugal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
20. Aumento das dificuldades em resolver questões com um ex-cônjuge	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
21. Aumento das dificuldades de relacionamento sexual entre marido e mulher	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
III. Tensões relativas à gravidez e maternidade					
22. A mulher teve uma gravidez difícil ou não desejada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
23. Uma rapariga solteira da família ficou grávida	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
	Aconteceu alguma mudança na sua família?				Pontuação
	Durante o ano passado		Antes do ano passado		
	Sim	Não	Sim	Não	
24. Um membro da família fez um aborto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
25. Um membro da família teve um filho ou adoptou uma criança	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
IV. Tensões relativas a questões financeiras					
26. Um membro contraiu um empréstimo para pagar aumento de despesas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
27. Recorremos à assistência social	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
28. Mudança de condições externas (económicas, políticas, climatéricas) que afectaram a economia da família	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
29. Mudança nas Taxas de Juro, "Bolsa de Valores", no Sector Imobiliário, que de alguma forma venha prejudicar os investimentos ou rendimentos dos membros da família	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
30. Um dos membros abriu um negócio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
31. Compor ou construir uma casa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
32. Um dos membros comprou ou trocou de carro ou outra aquisição importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
33. Aumento das dívidas por abuso de cartões de crédito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			

34. Aumento da tensão na família por gastos em despesas médicas ou no dentista	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>		
35. Aumento da tensão na família devido a gastos com comida, roupa, electricidade e arranjos domésticos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>		
36. Aumento de tensão na família devido a gastos com a educação dos filhos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>		
37. Atraso no recebimento de abonos de família ou outros pagamentos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>		
V. Tensões-mudanças familiares devido ao trabalho				
38. Um dos membros mudou de trabalho ou de carreira	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
39. Um dos membros perdeu ou abandonou o emprego	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
40. Um dos membros reformou-se	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
41. Um dos membros iniciou ou retomou um emprego	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
42. Um dos membros deixou de trabalhar por um período muito extenso (por exemplo, ficar de baixa, greve, licença sem vencimento)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>		
43. Diminuição de satisfação profissional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>		

	Aconteceu alguma mudança na sua família?				Pontuação
	Durante o ano passado		Antes do ano passado		
	Sim	Não	Sim	Não	
43. Diminuição de satisfação profissional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
44. Um dos membros manifesta dificuldades de relação inter-pessoal no emprego	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
45. Um dos membros foi promovido no trabalho ou foram-lhe atribuídas mais responsabilidades	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
46. A família mudou de casa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
47. Um dos filhos adolescentes mudou de escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			

VI. Tensões relacionadas com problemas ou cuidados de saúde					
48. Um dos cônjuges, ou pais, ficou muito doente ou sofreu um acidente grave	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
49. Um dos filhos ficou muito doente ou sofreu um acidente grave	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
50. Um parente próximo ou um amigo de família ficou gravemente doente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
51. Um dos membros ficou incapacitado fisicamente ou passou a sofrer de uma doença crónica	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
52. Aumento das dificuldades em lidar com um dos membros incapacitado ou cronicamente doente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
53. Um dos membros ou um amigo íntimo deu entrada numa instituição de cuidados de saúde ou num lar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
54. Aumento das responsabilidades de prestação de ajuda financeira ou outros cuidados aos pais ou sogros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
55. Dificuldade em encontrar cuidados de saúde satisfatórios para os filhos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
VII. Perdas					
56. Morte de um dos pais ou cônjuges	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
57. Morte de um filho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
58. Morte de um dos pais ou familiar chegado do marido ou da mulher	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
59. Morte de um amigo íntimo da família	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
60. Divórcio de um filho(a) casado(a)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
61. Um dos membros cortou relações com um amigo íntimo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			

	Aconteceu alguma mudança na sua família?				Pontuação
	Durante o ano passado		Antes do ano passado		
	Sim	Não	Sim	Não	
VIII. Movimento de “Entradas e Saídas” na família					
62. Casamento de um dos membros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
63. Um dos membros, jovem adulto, deixou a casa dos pais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
64. Um dos membros, jovem adulto, foi estudar para a Universidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
65. Um dos membros regressou a casa ou ocorreu a entrada de uma nova pessoa para o agregado familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
66. Um dos cônjuges ou um dos pais, depois de ter estado afastado muito tempo, reiniciou os estudos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
IX. Problemas legais					
67. Um dos membros foi preso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
68. Um dos membros foi detido pela polícia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
69. Ocorreu um caso de abuso físico ou sexual violento no seio da família	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
70. Um dos membros fugiu de casa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
71. Um dos membros deixou de estudar ou foi expulso da escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			

Anexo 6: Tabelas

Tabela 1: efeito do “tipo familiar” nos resultados do *Qualidade de Vida*

QOL		n	M	DP	ANOVA F	ANOVA p	Diferenças Tukey
Tipo familiar							
Escala global	Familia sem filhos	28	122,1786	18,96596	0.915	0.434	-
	Familia com filhos em casa	119	124,6975	17,96633			
	Familia com filhos fora de casa	70	127,5714	17,40695			
	Familia com filhos dentro e fora de casa	43	123,0465	16,46924			
	Total	260	124,9269	17,68008			
Casamento	Familia sem filhos	28	14.8929	3.10721	0.905	0.439	-
	Familia com filhos em casa	119	15.7815	3.45960			
	Familia com filhos fora de casa	70	15.1714	2.70786			
	Familia com filhos dentro e fora de casa	43	15.5349	3.04997			
	Total	260	15.4808	3.16649			
Amigos	Familia sem filhos	28	7.0357	1.66627	0.251	0.860	-
	Familia com filhos em casa	118	7.0252	1.62847			
	Familia com filhos fora de casa	70	6.9286	1.58179			

	Família com filhos dentro e fora de casa	43	6.7907	1.59699			
	Total	259	6.9615	1.60791			
Saúde	Família sem filhos	28	5.9643	1.50264	2.741	0.044	Famílias com filhos em casa ≠ Famílias com filhos fora de casa (p=0.032)
	Família com filhos em casa	119	6.0168	1.59970			
	Família com filhos fora de casa	70	5.3571	1.45498			
	Família com filhos dentro e fora de casa	43	5.6512	1.82422			
	Total	260	5.7731	1.60791			
Lar e Educação	Família sem filhos	27	23.2500	5.05250	0.178	0.912	-
	Família com filhos em casa	119	22.7059	4.84567			
	Família com filhos fora de casa	70	22.5000	4.11695			
	Família com filhos dentro e fora de casa	43	22.6744	4.36829			
	Total	259	22.7038	4.58392			
Religião	Família sem filhos	27	6.2857	1.60686	0.690	0.559	-
	Família com filhos em casa	117	6.3866	1.61092			

	Familia com filhos fora de casa	70	6.6714	1.70014			
	Familia com filhos dentro e fora de casa	43	6.6279	1.63333			
	Total	257	6.4923	1.63573			
Emprego	Familia sem filhos	27	9.3214	2.61128	0.013	0.998	-
	Familia com filhos em casa	118	9.4202	2.65693			
	Familia com filhos fora de casa	69	9.4000	2.01732			
	Familia com filhos dentro e fora de casa	43	9.3953	2.16178			
	Total	257	9.4000	2.40206			
Tempo	Familia sem filhos	27	12.1786	3.01912	5.403	0.000	Famílias com filhos em casa ≠ famílias com filhos fora de casa (p=0.000)
	Familia com filhos em casa	119	11.6891	3.49757			
	Familia com filhos fora de casa	70	13.8286	3.38784			
	Familia com filhos dentro e fora de casa	43	12.8372	3.16175			
	Total	259	12.5077	3.46576			
Mass Media	Familia sem filhos	260	10.3929	2.13158	2.123	0.098	

	Família com filhos em casa	28	11.6303	2.57388			-
	Família com filhos fora de casa	119	11.2143	2.68054			
	Família com filhos dentro e fora de casa	70	11.0000	2.28869			
	Total	43	11.2808	2.53204			
Rendimento	Família sem filhos	28	15.8571	4.60044	3.061	0.029	Família com filhos em casa ≠ família com filhos fora de casa (p=0.050)
	Família com filhos em casa	119	16.2185	4.09663			
	Família com filhos fora de casa	70	17.9857	5.11461			
	Família com filhos dentro e fora de casa	43	15.8837	4.67623			
	Total	260	16.6000	4.59326			
Vizinhança	Família sem filhos	28	17.0000	4.55420	2.221	0.086	-
	Família com filhos em casa	119	17.8235	3.90924			
	Família com filhos fora de casa	70	18.5143	3.88137			
	Família com filhos dentro e fora de casa	43	16.6512	4.33086			
	Total	260	17.7269	4.07441			

Tabela 2: efeito do “número de filhos” nos resultados do *Qualidade de Vida*

QOL		n	M	DP	ANOVA F	ANOVA p	Diferenças Tukey
Número de filhos							
Escala global	0	18	125.3333	11.97055	1.398	0.244	-
	1	68	121.7500	18.09294			
	2	119	125.4874	18.93650			
	≥3	48	128.4167	15.31212			
	Total	253	125.0277	17.70692			
Casamento	0	18	15.1667	3.05345	1.803	0.147	-
	1	68	14.8676	2.91627			
	2	119	15.7059	3.39579			
	≥3	48	16.1250	2.71030			
	Total	253	15.5217	3.14159			
Amigos	0	18	7.1111	1.36722	0.094	0.963	-
	1	68	6.9412	1.73534			
	2	119	6.9244	1.55225			
	≥3	48	6.8750	1.72127			
	Total	253	6.9328	1.61572			
Saúde	0	18	6.5000	1.15045	1.773	0.153	-
	1	68	5.5735	1.66003			
	2	119	5.8403	1.65695			
	≥3	48	5.6250	1.56593			
	Total	253	5.7747	1.61854			
Lar e Educação	0	18	24.3333	3.59738	2.161	0.093	-
	1	68	21.8529	4.92712			
	2	119	22.4706	4.41650			
	≥3	48	23.5208	4.64478			
	Total	253	22.6364	4.58454			
Religião	0	18	6.7222	1.74240	0.507	0.678	-
	1	68	6.3235	1.66116			
	2	119	6.5630	1.62938			
	≥3	48	6.6250	1.61936			
	Total	253	6.5217	1.63921			
Emprego	0	18	9.4444	2.50229	0.170	0.917	-
	1	68	9.2206	2.44245			
	2	119	9.4286	2.43760			
	≥3	48	9.5208	2.35191			
	Total	253	9.3913	2.41544			
Tempo	0	18	12.2778	2.51596	1.378	0.250	-
	1	68	11.9265	3.32030			
	2	119	12.7059	3.75602			
	≥3	48	13.1667	3.04109			
	Total	253	12.5534	3.44718			
Mass Media	0	18	10.9444	1.83021	0.318	0.812	-
	1	68	11.5000	2.44644			
	2	119	11.2017	2.66992			
	≥3	48	11.3333	2.57098			
	Total	253	11.2885	2.53228			
Rendimento	0	18	15.6111	3.72810	1.268	0.286	
	1	68	15.9412	4.27377			

	2	119	16.8319	4.40977			-
	≥3	48	17.3333	5.52878			
	Total	253	16.6008	4.57334			
Vizinhança	0	18	17.2222	2.96163	0.411	0.745	-
	1	68	17.6029	4.17934			
	2	119	17.8151	4.21049			
	≥3	48	18.2917	3.81463			
	Total	253	17.8063	4.04121			

Tabela 3: efeito da “Fase do ciclo Vital” nos resultados do *Qualidade de Vida*

QOL		n	M	DP	ANOVA F	ANOVA p	Diferenças Tukey
Fase do ciclo vital							
Escala global	Casal sem filhos	12	121.0833	18.04267	1.701	0.109	-
	Filhos pequenos	17	133.6471	17.12068			
	Filhos idade escolar	24	125.7500	20.47958			
	Filhos adolescentes	24	121.5833	13.80270			
	Família lançadora	86	121.9302	17.32308			
	Ninho vazio	29	125.2069	14.45283			
	Família na reforma	59	129.2373	18.66708			
	Não se aplica	6	122.1667	23.76903			
	Total	257	125.0428	17.71724			
Casamento	Casal sem filhos	12	15.1667	2.28963	0.945	0.472	-
	Filhos pequenos	17	16.8824	2.20461			
	Filhos idade escolar	24	15.3333	3.91948			
	Filhos adolescentes	24	16.1250	3.40476			
	Família lançadora	86	15.4884	3.23490			
	Ninho vazio	29	15.0690	3.05814			
	Família na reforma	59	15.3390	2.65622			
	Não se aplica	6	14.0000	4.56070			
	Total	257	15.4942	3.11514			
Amigos	Casal sem filhos	12	6.8333	1.89896	1.475	0.177	-
	Filhos pequenos	17	7.4706	2.03463			
	Filhos idade escolar	24	6.9167	1.63964			

	Filhos adolescentes	24	6.3333	1.12932			
	Família lançadora	85	7.0116	1.60510			
	Ninho vazio	29	6.5517	1.54888			
	Família na reforma	59	7.2712	1.48359			
	Não se aplica	6	7.3333	1.21106			
	Total	256	6.9767	1.58590			
Saúde	Casal sem filhos	12	6.4167	1.62135	2.484	0.018	-
	Filhos pequenos	17	6.7647	1.71499			
	Filhos idade escolar	24	6.2500	1.53934			
	Filhos adolescentes	24	6.1667	1.94862			
	Família lançadora	86	5.6047	1.59617			
	Ninho vazio	29	5.4138	1.40197			
	Família na reforma	59	5.5593	1.48871			
	Não se aplica	6	5.0000	.63246			
	Total	257	5.7860	1.60958			
Lar e Educação	Casal sem filhos	12	23.0000	5.96962	1.209	0.298	-
	Filhos pequenos	17	25.0588	5.27341			
	Filhos idade escolar	24	22.6250	5.13989			
	Filhos adolescentes	24	21.2500	4.05666			
	Família lançadora	86	22.3256	4.40706			
	Ninho vazio	29	23.1379	4.37300			
	Família na reforma	59	22.8644	4.33692			
	Não se aplica	5	21.3333	4.13118			
	Total	256	22.6576	4.57655			
Religião	Casal sem filhos	12	6.0000	1.41421	1.227	0.288	-
	Filhos pequenos	16	6.4118	1.93839			
	Filhos idade escolar	24	6.3333	1.52277			
	Filhos adolescentes	23	6.8750	1.65010			
	Família lançadora	86	6.3256	1.61931			
	Ninho vazio	29	6.2414	1.68301			
	Família na	59	6.8475	1.57364			

	reforma						
	Não se aplica	5	7.3333	2.16025			
	Total	254	6.5019	1.64204			
Emprego	Casal sem filhos	12	9.5000	2.90767	0.678	0.691	-
	Filhos pequenos	17	9.4706	3.48421			
	Filhos idade escolar	24	10.2083	2.51913			
	Filhos adolescentes	24	8.7917	2.28376			
	Família lançadora	85	9.3837	2.37719			
	Ninho vazio	29	9.2759	2.35882			
	Família na reforma	58	9.5424	1.92374			
	Não se aplica	5	9.0000	2.00000			
	Total	254	9.4319	2.38080			
Tempo	Casal sem filhos	12	11.0000	2.66288	5.403	0.000	Casal sem filhos ≠ família na reforma (p=0.047); filhos em idade escolar ≠ família na reforma (p=0.001); filhos adolescentes ≠ família na reforma (p=0.000); filhos adolescentes ≠ família lançadora (p=0.017)
	Filhos pequenos	17	12.1765	2.98403			
	Filhos idade escolar	24	10.8750	3.46802			
	Filhos adolescentes	24	10.1250	2.21286			
	Família lançadora	86	12.6977	3.62043			
	Ninho vazio	29	12.7931	3.30993			
	Família na reforma	59	14.1864	2.83132			
	Não se aplica	5	13.1667	5.67157			
	Total	256	12.5370	3.45727			
Mass Media	Casal sem filhos	12	10.5833	1.56428	1.402	0.205	-
	Filhos pequenos	17	12.0000	1.90394			
	Filhos idade escolar	24	11.9583	2.91143			
	Filhos adolescentes	24	11.1667	2.20013			
	Família lançadora	86	11.2558	2.69721			
	Ninho vazio	29	10.2414	2.23055			
	Família na	59	11.3898	2.51216			

	reforma						
	Não se aplica	6	12.1667	3.92003			
	Total	257	11.2685	2.54220			
Rendimento	Casal sem filhos	12	16.0000	3.33030	3.325	0.002	Família lançadora ≠ ninho vazio (p=0.004); Família lançadora ≠ família na reforma (p=0.019)
	Filhos pequenos	17	18.3529	4.13735			
	Filhos idade escolar	24	16.6250	4.44104			
	Filhos adolescentes	24	16.5000	3.51395			
	Família lançadora	86	15.0581	4.28775			
	Ninho vazio	29	18.7586	5.31612			
	Família na reforma	59	17.6102	4.61638			
	Não se aplica	6	15.3333	7.25718			
	Total	257	16.6109	4.61531			
Vizinhança	Casal sem filhos	12	16.5833	4.58175	1.742	0.100	-
	Filhos pequenos	17	19.0588	4.35130			
	Filhos idade escolar	24	18.6250	3.41114			
	Filhos adolescentes	24	18.2500	2.55802			
	Família lançadora	86	16.7791	4.16258			
	Ninho vazio	29	17.7241	3.61442			
	Família na reforma	59	18.6271	4.31077			
	Não se aplica	6	17.5000	5.35724			
	Total	257	17.7782	4.05449			

Tabela 4: efeito do “Nível Sócio-económico” nos resultados do *Qualidade de Vida*

QOL		n	M	DP	ANOVA F	ANOVA p	Diferenças Tukey
Nível sócio-económico							
Escala global	Baixo	141	124.3333	18.59941	1.018	0.363	-
	Médio	108	126.2500	16.42378			
	Elevado	10	118.6000	18.28904			
	Total	259	124.9112	17.71249			
Casamento	Baixo	141	15.3191	3.18326	0.640	0.528	-
	Médio	108	15.5648	3.19834			
	Elevado	10	16.4000	2.36643			
	Total	259	15.4633	3.16007			

Amigos	Baixo	141	6.8156	1.63708	1.314	0.270	-
	Médio	108	7.0926	1.57395			
	Elevado	10	7.4000	1.42984			
	Total	259	6.9537	1.60600			
Saúde	Baixo	141	5.5532	1.69211	3.879	0.022	-
	Médio	108	5.9722	1.47540			
	Elevado	10	6.7000	1.33749			
	Total	259	5.7722	1.61096			
Lar e Educação	Baixo	141	22.2837	4.71673	1.670	0.190	-
	Médio	108	23.3241	4.32517			
	Elevado	10	22.1000	5.30094			
	Total	259	22.7104	4.59157			
Religião	Baixo	141	6.5532	1.73380	1.951	0.144	-
	Médio	108	6.5093	1.53766			
	Elevado	10	5.5000	.97183			
	Total	259	6.4942	1.63861			
Emprego	Baixo	141	9.3617	2.42392	0.231	0.794	-
	Médio	108	9.4907	2.38960			
	Elevado	10	9.0000	2.53859			
	Total	259	9.4015	2.40658			
Tempo	Baixo	141	12.8794	3.74447	3.772	0.024	Baixo ≠ elevado (p=0.030)
	Médio	108	12.2593	3.05516			
	Elevado	10	10.0000	2.58199			
	Total	259	12.5097	3.47233			
Mass Media	Baixo	141	11.5603	2.78611	2.288	0.104	-
	Médio	108	11.0000	2.19174			
	Elevado	10	10.3000	1.82878			
	Total	259	11.2780	2.53654			
Rendimento	Baixo	141	16.3972	4.51011	1.842	0.161	-
	Médio	108	17.0648	4.67699			
	Elevado	10	14.4000	4.69515			
	Total	259	16.5985	4.60209			
Vizinhança	Baixo	141	17.6099	4.02452	0.509	0.602	-
	Médio	108	17.9722	4.24805			
	Elevado	10	16.8000	3.04777			
	Total	259	17.7297	4.08205			

Tabela 5: efeito das “Habilitações Literárias” nos resultados do *Qualidade de Vida*

QOL		n	M	DP	ANOVA F	ANOVA p	Diferenças Tukey
Escala global	< 4º ano	26	131.2692	21.63249	1.386	0.220	-
	4º ano	96	123.6042	18.76810			
	6º ano	25	118.4800	14.79054			
	9º ano	47	126.8511	17.69055			
	12º ano	26	127.3077	13.64923			
	Ensino médio	10	124.4000	16.87997			
	Ensino superior	28	124.8929	14.49224			
	Total	258	125.0155	17.67365			

Casamento	< 4º ano	26	16.2692	2.34193	1.026	0.409	-
	4º ano	96	15.4583	3.07423			
	6º ano	25	14.6400	3.25167			
	9º ano	47	15.4681	3.46317			
	12º ano	26	16.3462	3.17417			
	Ensino médio	10	15.0000	3.49603			
	Ensino superior	28	15.0000	3.50661			
	Total	258	15.4845	3.17850			
Amigos	< 4º ano	26	7.1923	1.74400	0.860	0.525	-
	4º ano	96	6.9167	1.62005			
	6º ano	25	6.5600	1.26095			
	9º ano	47	6.8723	1.76459			
	12º ano	26	7.4615	1.55514			
	Ensino médio	10	6.8000	1.81353			
	Ensino superior	28	7.1071	1.37003			
	Total	258	6.9729	1.60351			
Saúde	< 4º ano	26	5.6923	1.78369	2.266	0.038	-
	4º ano	96	5.5000	1.57614			
	6º ano	25	5.6400	1.41067			
	9º ano	47	5.7447	1.76276			
	12º ano	26	6.4615	1.39229			
	Ensino médio	10	5.5000	1.77951			
	Ensino superior	28	6.4643	1.34666			
	Total	258	5.7791	1.61029			
Lar e Educação	< 4º ano	26	21.4231	3.59080	2.286	0.036	-
	4º ano	96	22.2813	5.08186			
	6º ano	25	20.9600	3.83493			
	9º ano	47	23.7234	4.39714			
	12º ano	26	24.2308	4.42997			
	Ensino médio	10	23.4000	6.11374			
	Ensino superior	28	23.7500	3.28436			
	Total	258	22.7287	4.59106			
Religião	< 4º ano	26	7.3462	1.49512	3.207	0.005	< 4º ano ≠ 9º ano (p=0.003); 4º ano ≠ 9º ano (p=0.040)
	4º ano	96	6.7188	1.64607			
	6º ano	25	6.1200	1.39403			
	9º ano	47	5.8511	1.73178			
	12º ano	26	6.2692	1.51149			
	Ensino médio	10	6.8000	1.75119			
	Ensino superior	28	6.4286	1.45114			

	Total	258	6.4922	1.63674			
Emprego	< 4º ano	26	9.1538	2.32710	1.137	0.341	-
	4º ano	96	9.4479	2.25655			
	6º ano	25	8.8800	1.73973			
	9º ano	47	10.0851	2.69323			
	12º ano	26	9.4231	2.64080			
	Ensino médio	10	9.6000	2.50333			
	Ensino superior	28	8.8571	2.62063			
	Total	258	9.4186	2.40038			
Tempo	< 4º ano	26	15.0000	3.18748	4.246	0.000	< 4º ano ≠ 6º ano (p=0.002); < 4º ano ≠ 9º ano (p=0.030); < 4º ano ≠ 12º ano (p=0.001); < 4º ano ≠ ensino superior (p=0.003)
	4º ano	96	12.8542	3.53919			
	6º ano	25	11.2400	3.30757			
	9º ano	47	12.4255	3.41190			
	12º ano	26	11.2692	3.67214			
	Ensino médio	10	12.1000	2.88483			
	Ensino superior	28	11.4643	2.42643			
	Total	258	12.4961	3.47223			
Mass Media	< 4º ano	26	11.7308	2.75038	0.521	0.792	-
	4º ano	96	11.3229	2.77392			
	6º ano	25	11.5200	2.80060			
	9º ano	47	10.9149	2.71733			
	12º ano	26	11.0000	1.54919			
	Ensino médio	10	12.0000	2.21108			
	Ensino superior	28	11.2857	1.69656			
	Total	258	11.2984	2.53383			
Rendimento	< 4º ano	26	17.8462	5.90384	2.170	0.046	-
	4º ano	96	15.6875	4.40648			
	6º ano	25	15.9200	4.43396			
	9º ano	47	17.9787	4.91001			
	12º ano	26	17.4231	3.62406			
	Ensino médio	10	15.0000	4.29470			
	Ensino superior	28	16.9286	3.66089			
	Total	258	16.6279	4.59245			
Vizinhança	< 4º ano	26	19.6154	4.62235	1.211	0.301	-
	4º ano	96	17.4167	4.41210			
	6º ano	25	17.0000	3.50000			
	9º ano	47	17.7872	4.19594			
	12º ano	26	17.4231	3.72208			
	Ensino médio	10	18.2000	3.67575			
	Ensino superior	28	17.6071	2.73982			

Total	258	17.7171	4.08010			
-------	-----	---------	---------	--	--	--

Tabela 6: efeito do "Estado Civil" nos resultados do *Qualidade de Vida*

QOL		n	M	DP	ANOVA F	ANOVA p	Diferenças Tukey
Estado civil							
Escala global	Solteiro	16	128.1250	11.11680	4.467	0.001	Solteiro ≠ divorciado (p=0.024); casado ≠ divorciado (p=0.002)
	Casado	207	126.3430	17.57158			
	União de facto	6	131.5000	18.89709			
	Divorciado	15	108.8667	15.58785			
	Separado	3	103.6667	15.56706			
	Viúvo	13	118.8462	16.54714			
	Total	260	124.9269	17.68008			
Casamento	Solteiro	16	14.5000	2.98887	7.253	0.000	Solteiro ≠ divorciado (p=0.048); casado ≠ divorciado (p=0.000); união de facto ≠ divorciado (p=0.020)
	Casado	207	15.9179	2.96222			
	União de facto	6	16.0000	2.52982			
	Divorciado	15	11.4000	3.50102			
	Separado	3	14.0000	2.64575			
	Viúvo	13	14.5385	3.07179			
	Total	260	15.4808	3.16649			
Amigos	Solteiro	16	7.8750	.88506	2.214	0.053	-
	Casado	207	6.9662	1.56535			
	União de facto	6	7.5000	2.50998			
	Divorciado	15	6.3333	1.87718			
	Separado	3	7.0000	1.00000			
	Viúvo	13	6.2308	1.87767			
	Total	260	6.9615	1.60791			
Saúde	Solteiro	16	6.5625	1.31498	2.024	0.076	Viúvos ≠ solteiros (p=0.033)
	Casado	207	5.8019	1.60230			
	União de facto	6	5.1667	1.94079			
	Divorciado	15	5.6667	1.91485			
	Separado	3	5.6667	.57735			
	Viúvo	13	4.7692	1.23517			
	Total	260	5.7731	1.60791			
Lar e Educação	Solteiro	16	25.3125	3.66458	4.455	0.001	Solteiro ≠ divorciado (p=0.001); solteiro ≠ viúvo (p=0.049); casado ≠ divorciado (p=0.007)
	Casado	207	22.8937	4.42174			
	União de facto	6	24.5000	6.47302			
	Divorciado	15	18.7333	4.30061			
	Separado	3	21.3333	8.73689			
	Viúvo	13	20.5385	3.57341			
	Total	260	22.7038	4.58392			

Religião	Solteiro	16	6.3125	1.66208	0.406	0.844	-
	Casado	207	6.5507	1.64762			
	União de facto	6	6.0000	1.26491			
	Divorciado	15	6.2667	1.38701			
	Separado	3	5.6667	.57735			
	Viúvo	13	6.4615	2.06621			
	Total	260	6.4923	1.63573			
Emprego	Solteiro	16	9.6250	2.15639	0.815	0.540	-
	Casado	207	9.4589	2.47845			
	União de facto	6	9.8333	1.60208			
	Divorciado	15	8.2667	2.28244			
	Separado	3	8.6667	.57735			
	Viúvo	13	9.4615	2.02548			
	Total	260	9.4000	2.40206			
Tempo	Solteiro	16	11.6875	2.91476	2.807	0.017	-
	Casado	207	12.6618	3.51441			
	União de facto	6	14.1667	2.48328			
	Divorciado	15	10.4667	2.66905			
	Separado	3	8.3333	2.51661			
	Viúvo	13	13.6154	3.33013			
	Total	260	12.5077	3.46576			
<i>Mass Media</i>	Solteiro	16	11.7500	2.51661	1.072	0.377	-
	Casado	207	11.2077	2.59580			
	União de facto	6	12.1667	.75277			
	Divorciado	15	11.8000	1.69874			
	Separado	3	8.6667	2.51661			
	Viúvo	13	11.4615	2.69615			
	Total	260	11.2808	2.53204			
Rendimento	Solteiro	16	17.0625	4.02440	2.323	0.044	-
	Casado	207	16.9130	4.61237			
	União de facto	6	17.0000	5.29150			
	Divorciado	15	13.6667	3.49830			
	Separado	3	12.0000	5.19615			
	Viúvo	13	15.3077	4.42313			
	Total	260	16.6000	4.59326			
Vizinhança	Solteiro	16	17.4375	3.01040	2.042	0.073	-
	Casado	207	17.9710	3.97799			
	União de facto	6	19.1667	6.21021			
	Divorciado	15	16.2667	4.09646			
	Separado	3	12.3333	3.21455			
	Viúvo	13	16.4615	4.90944			
	Total	260	17.7269	4.07441			

Tabela 7: efeito do “Género” nos resultados do *Qualidade de Vida*

QOL Género		n	M	DP	ANOVA F	ANOVA p	Diferenças Tukey
Escala global	Feminino	169	123.8580	17.00605	1.770	0.185	-
	Masculino	91	126.9121	18.80346			
	Total	260	124.9269	17.68008			
Casamento	Feminino	169	15.2485	3.26194	2.614	0.107	-
	Masculino	91	15.9121	2.95014			
	Total	260	15.4808	3.16649			
Amigos	Feminino	169	7.0118	1.69730	0.471	0.493	-
	Masculino	91	6.8681	1.43146			
	Total	260	6.9615	1.60791			
Saúde	Feminino	169	5.7101	1.65255	0.741	0.390	-
	Masculino	91	5.8901	1.52352			
	Total	260	5.7731	1.60791			
Lar e Educação	Feminino	169	22.4024	4.72874	2.097	0.149	-
	Masculino	91	23.2637	4.27092			
	Total	260	22.7038	4.58392			
Religião	Feminino	169	6.3905	1.65152	1.876	0.172	-
	Masculino	91	6.6813	1.59777			
	Total	260	6.4923	1.63573			
Emprego	Feminino	169	9.4201	2.31091	0.034	0.854	-
	Masculino	91	9.3626	2.57560			
	Total	260	9.4000	2.40206			
Tempo	Feminino	169	12.2189	3.39371	3.383	0.067	-
	Masculino	91	13.0440	3.55250			
	Total	260	12.5077	3.46576			
Mass Media	Feminino	169	11.3905	2.35056	0.907	0.342	-
	Masculino	91	11.0769	2.84109			
	Total	260	11.2808	2.53204			
Rendimento	Feminino	169	16.3491	4.66905	1.443	0.231	-
	Masculino	91	17.0659	4.43672			
	Total	260	16.6000	4.59326			
Vizinhança	Feminino	169	17.7160	4.10021	0.003	0.953	-
	Masculino	91	17.7473	4.04858			
	Total	260	17.7269	4.07441			

Tabela 8: efeito do “Tipo familiar” nos resultados do *FILE*

FILE Tipo familiar		n	M	DP	ANOVA F	ANOVA p	Diferenças Tukey
Escala global	Família sem filhos	28	8.6429	5.74917	4.493	0.004	Família filhos em casa ≠ família com filhos fora de casa (p=0.015), Família com filhos dentro e fora de casa ≠ família com filhos fora de casa (0.006)
	Família com filhos em casa	119	9.1261	4.84078			
	Família com filhos fora de casa	70	6.6857	5.11475			
	Família com filhos dentro e fora de casa	44	10.1136	6.78307			
	Total	261	8.5862	5.48821			

Tabela 9: efeito do “Número de filhos” nos resultados do *FILE*

FILE Número de filhos		n	M	DP	ANOVA F	ANOVA p	Diferenças Tukey
Escala global	0	10	9.9000	5.82046	0.211	0.888	-
	1	31	9.6452	5.88528			
	2	61	9.3115	6.30751			
	≥3	20	8.4000	5.81649			
	Total	122	9.2951	6.02843			

Tabela 10: efeito da “Fase do Ciclo Vital” nos resultados do *FILE*

FILE Fase do ciclo vital		n	M	DP	ANOVA F	ANOVA p	Diferenças Tukey
Escala global	Casal sem filhos	12	8.9167	4.18783	3.383	0.002	Família com filhos em idade escolar ≠ família na reforma (p=0.005), família lançadora ≠ família na reforma (p=0.001)
	Filhos pequenos	17	8.7059	4.17978			
	Filhos idade escolar	24	10.8333	4.90489			
	Filhos adolescentes	24	8.1250	5.03304			
	Família lançadora	86	9.8721	6.09300			
	Ninho vazio	29	8.5172	5.53315			
	Família na reforma	59	5.9831	4.37663			
	Não se aplica	6	9.6667	8.73308			
	Total	257	8.6265	5.51636			

Tabela 11: efeito do “Nível Sócio-económico” nos resultados do *FILE*

FILE		n	M	DP	ANOVA F	ANOVA p	Diferenças Tukey
Nível sócio-económico							
Escala global	Baixo	142	8.3732	5.58698	0.301	0.740	-
	Médio	108	8.9167	5.49958			
	Elevado	10	8.7000	3.83116			
	Total	260	8.6115	5.48348			

Tabela 12: efeito das “Habilitações Literárias” nos resultados do *FILE*

FILE		n	M	DP	ANOVA F	ANOVA p	Diferenças Tukey
Habilitações literárias							
Escala global	< 4º ano	26	6.3846	5.24654	1.978	0.069	-
	4º ano	96	9.0417	6.02786			
	6º ano	25	9.6400	5.57435			
	9º ano	47	8.4043	4.96360			
	12º ano	26	7.4231	4.98135			
	Ensino médio	10	12.3000	6.32543			
	Ensino superior	29	8.2414	4.10274			
	Total	259	8.5907	5.50638			

Tabela 13: efeito do “Estado Civil” nos resultados do *FILE*

FILE		n	M	DP	ANOVA F	ANOVA p	Diferenças Tukey
Estado civil							
Escala global	Solteiro	17	10.0000	4.15331	1.819	0.110	-
	Casado	207	8.2560	5.57187			
	União de facto	6	10.5000	5.31977			
	Divorciado	15	10.2667	4.43149			
	Separado	3	15.3333	8.50490			
	Viúvo	13	7.6154	5.23670			
	Total	261	8.5862	5.48821			

Tabela 14: efeito do “Género” nos resultados do *FILE*

FILE		n	M	DP	ANOVA F	ANOVA p	Diferenças Tukey
Género							
Escala global	Masculino	89	8.0225	5.50821	1.427	0.233	-
	Feminino	172	8.8779	5.47105			
	Total	261	8.5862	5.48821			

Tabela 15: efeito do “Tipo familiar” nos resultados do *F-COPES*

F-COPES Tipo familiar		n	M	DP	ANOVA F	ANOVA p	Diferenças Tukey
Escala global	Familia sem filhos	29	77.14	15.675	0.550	0.648	-
	Familia com filhos em casa	131	77.51	13.774			
	Familia com filhos fora de casa	70	78.10	12.780			
	Familia com filhos dentro e fora de casa	44	74.80	15.363			
	Total	274	77.19	13.971			
Apoio Social	Familia sem filhos	29	27.34	7.123	2.709	0.046	-
	Familia com filhos em casa	131	26.92	6.103			
	Familia com filhos fora de casa	70	25.27	5.878			
	Familia com filhos dentro e fora de casa	44	24.36	6.358			
	Total	274	26.13	6.260			
Apoio Espiritual	Familia sem filhos	29	11.48	5.131	4.413	0.005	Familia sem filhos ≠ familia com filhos fora de casa (p=0.017); Familia com filhos em casa ≠ familia com filhos fora de casa (p=0.017); Familias com filhos fora de casa ≠ familia com filhos dentro e fora de casa
	Familia com filhos em casa	131	12.32	3.742			
	Familia com filhos fora de casa	70	14.01	3.255			
	Familia com filhos dentro e fora de casa	44	12.11	4.093			
	Total	274	12.63	3.925			

							(p=0.053)
Apoio Formal	Família sem filhos	29	9.17	3.339	1.115	0.344	-
	Família com filhos em casa	131	9.95	3.633			
	Família com filhos fora de casa	70	10.21	4.280			
	Família com filhos dentro e fora de casa	44	9.07	4.190			
	Total	274	9.80	3.874			
Reenquadramento	Família sem filhos	29	14.86	3.335	0.163	0.921	-
	Família com filhos em casa	131	14.80	2.494			
	Família com filhos fora de casa	70	14.61	2.970			
	Família com filhos dentro e fora de casa	44	14.98	3.061			
	Total	274	14.79	2.797			
Avaliação Passiva	Família sem filhos	29	14.28	4.008	1.050	0.371	-
	Família com filhos em casa	131	13.52	2.980			
	Família com filhos fora de casa	70	13.99	2.651			
	Família com filhos dentro e fora de casa	44	14.27	2.944			
	Total	274	13.84	3.021			

Tabela 16: efeito do "Número de filhos" nos resultados do *F-COPES*

F-COPES Número de filhos		n	M	DP	ANOVA F	ANOVA p	Diferenças Tukey
Escala global	0	26	75,58	14,854	0.358	0.783	-
	1	71	78,00	13,425			
	2	119	77,91	12,784			
	≥3	50	76,24	16,774			
	Total	266	77,39	13,929			
Apoio Social	0	26	26,73	6,277	0.961	0.412	-
	1	71	26,51	6,064			
	2	119	26,35	5,823			
	≥3	50	24,80	7,532			
	Total	266	26,14	6,281			
Apoio Espiritual	0	26	11,35	5,440	1.516	0.211	-
	1	71	12,69	3,499			
	2	119	12,74	3,770			
	≥3	50	13,36	3,874			
	Total	266	12,71	3,923			
Apoio Formal	0	26	9,42	3,009	0.405	0.750	-
	1	71	10,01	3,867			
	2	119	9,95	3,600			
	≥3	50	9,38	4,890			
	Total	266	9,81	3,882			
Reenquadramento	0	26	14,73	2,491	0.052	0.984	-
	1	71	14,93	2,647			
	2	119	14,85	2,503			
	≥3	50	14,76	3,589			
	Total	266	14,84	2,759			
Avaliação Passiva	0	26	13,35	3,655	0.356	0.785	-
	1	71	13,86	3,136			
	2	119	14,02	2,712			
	≥3	50	13,94	3,229			
	Total	266	13,89	3,016			

Tabela 17: efeito da "Fase do Ciclo Vital" nos resultados do *F-COPES*

F-COPES Fase do ciclo vital		n	M	DP	ANOVA F	ANOVA p	Diferenças Tukey
Escala global	Casal sem filhos	12	69.83	12.379	1.396	0.207	-
	Filhos pequenos	17	74.12	13.257			
	Filhos idade escolar	24	81.21	12.169			
	Filhos adolescentes	35	73.83	12.263			
	Família lançadora	88	77.91	14.617			
	Ninho vazio	28	76.18	11.019			

	Família na reforma	62	79.08	15.777							
	Não se aplica	7	78.14	14.837							
	Total	273	77.18	13.996							
Apoio Social	Casal sem filhos	12	25.17	6.206	1.077	0.378	-				
	Filhos pequenos	17	26.41	7.575							
	Filhos idade escolar	24	29.17	4.905							
	Filhos adolescentes	35	26.23	5.760							
	Família lançadora	88	25.89	5.933							
	Ninho vazio	28	25.50	4.985							
	Família na reforma	62	25.40	7.354							
	Não se aplica	7	27.43	7.208							
	Total	273	26.11	6.261							
	Apoio Espiritual	Casal sem filhos	12	9.92				3.848	3.828	0.001	Casal sem filhos ≠ família na reforma (p=0.010); família com filhos pequenos ou no pré-escolar ≠ família na reforma (p=0.029)
		Filhos pequenos	17	10.82				3.147			
Filhos idade escolar		24	13.08	3.189							
Filhos adolescentes		35	11.20	3.954							
Família lançadora		88	12.90	3.726							
Ninho vazio		28	12.50	2.769							
Família na reforma		62	14.18	4.256							
Não se aplica		7	11.57	5.533							
Total		273	12.65	3.917							
Apoio Formal	Casal sem filhos	12	7.83	1.850	0.932	0.482	-				
	Filhos pequenos	17	8.71	3.098							
	Filhos idade escolar	24	10.38	3.943							
	Filhos adolescentes	35	9.29	2.793							
	Família lançadora	88	10.00	4.029							
	Ninho vazio	28	10.32	3.752							
	Família na reforma	62	9.98	4.572							

	Não se aplica	7	9.43	4.077			
	Total	273	9.78	3.872			
Reenquadramento	Casal sem filhos	12	14.50	2.970	0.853	0.544	-
	Filhos pequenos	17	15.53	1.625			
	Filhos idade escolar	24	15.17	2.697			
	Filhos adolescentes	35	14.43	2.535			
	Família lançadora	88	14.73	2.762			
	Ninho vazio	28	13.96	2.673			
	Família na reforma	62	15.18	3.211			
	Não se aplica	7	14.71	3.592			
	Total	273	14.79	2.802			
	Avaliação Passiva	Casal sem filhos	12	12.42			
Filhos pequenos		17	12.65	2.149			
Filhos idade escolar		24	13.42	3.147			
Filhos adolescentes		35	12.69	3.046			
Família lançadora		88	14.40	2.954			
Ninho vazio		28	13.89	2.986			
Família na reforma		62	14.34	2.811			
Não se aplica		7	15.00	1.732			
Total		273	13.85	3.024			

Tabela 18: efeito do “Nível Sócio -económico” nos resultados do F-COPES

F-COPES Nível sócio-económico		n	M	DP	ANOVA F	ANOVA p	Diferenças Tukey
Escala global	Baixo	151	77.93	14.584	1.141	0.321	-
	Médio	112	76.73	13.038			
	Elevado	11	71.64	14.382			
	Total	274	77.19	13.971			
Apoio Social	Baixo	151	25.92	6.309	0.663	0.516	-
	Médio	112	26.56	6.139			
	Elevado	11	24.64	7.004			
	Total	274	26.13	6.260			

Apoio Espiritual	Baixo	151	13.19	3.894	3.478	0.032	Baixo ≠ Médio (p=0.038)
	Médio	112	11.99	3.784			
	Elevado	11	11.55	4.865			
	Total	274	12.63	3.925			
Apoio Formal	Baixo	151	9.83	4.078	0.689	0.503	-
	Médio	112	9.88	3.595			
	Elevado	11	8.45	3.830			
	Total	274	9.80	3.874			
Reenquadramento	Baixo	151	14.77	2.922	0.233	0.793	-
	Médio	112	14.87	2.642			
	Elevado	11	14.27	2.760			
	Total	274	14.79	2.797			
Avaliação Passiva	Baixo	151	14.22	2.807	2.969	0.053	-
	Médio	112	13.44	3.221			
	Elevado	11	12.73	3.228			
	Total	274	13.84	3.021			

Tabela 19: efeito das “Habilitações Literárias” nos resultados do F-COPES

F-COPES Habilitações literárias		n	M	DP	ANOVA F	ANOVA p	Diferenças Tukey
Escala global	< 4º ano	27	77.11	15.210	1.249	0.282	-
	4º ano	96	79.24	15.465			
	6º ano	29	79.28	12.660			
	9º ano	55	74.04	12.607			
	12º ano	26	75.42	10.778			
	Ensino médio	10	79.80	15.303			
	Ensino superior	29	74.34	13.094			
	Total	272	77.11	13.995			
Apoio Social	< 4º ano	27	24.30	6.753	0.917	0.483	-
	4º ano	96	26.17	6.702			
	6º ano	29	27.07	4.519			
	9º ano	55	25.51	5.887			
	12º ano	26	26.65	6.368			
	Ensino médio	10	28.80	6.763			
	Ensino superior	29	26.31	6.348			
	Total	272	26.10	6.274			
Apoio Espiritual	< 4º ano	27	14.96	3.299	3.686	0.002	<4º ano ≠ 9º ano (p=0.002); <4º ano ≠ 12º ano (p=0.023); <4º ano ≠ ensino superior (p=0.055)
	4º ano	96	13.28	3.860			
	6º ano	29	12.41	3.354			
	9º ano	55	11.40	4.035			
	12º ano	26	11.58	3.613			
	Ensino médio	10	11.70	4.191			
	Ensino superior	29	11.97	4.170			
	Total	272	12.61	3.930			

Apoio Formal	< 4º ano	27	9.59	4.431	0.764	0.599	-
	4º ano	96	10.14	4.279			
	6º ano	29	10.38	3.610			
	9º ano	55	9.24	3.294			
	12º ano	26	9.54	3.420			
	Ensino médio	10	11.00	4.137			
	Ensino superior	29	9.10	3.619			
	Total	272	9.79	3.882			
Reenquadramento	< 4º ano	27	14.37	3.341	0.268	0.951	-
	4º ano	96	14.91	2.869			
	6º ano	29	15.07	2.219			
	9º ano	55	14.55	3.126			
	12º ano	26	14.77	2.984			
	Ensino médio	10	15.10	1.853			
	Ensino superior	29	14.90	2.160			
	Total	272	14.79	2.807			
Avaliação Passiva	< 4º ano	27	13.89	3.309	4.331	0.000	4º ano ≠ ensino superior (p=0.000); 6º ano ≠ ensino superior (p=0.048)
	4º ano	96	14.75	2.687			
	6º ano	29	14.34	2.781			
	9º ano	55	13.35	3.020			
	12º ano	26	12.88	3.154			
	Ensino médio	10	13.20	2.898			
	Ensino superior	29	12.07	2.865			
	Total	272	13.82	3.008			

Tabela 20: efeito do “Estado Civil” nos resultados do F-COPES

F-COPES Estado civil		n	M	DP	ANOVA F	ANOVA p	Diferenças Tukey
Escala global	Solteiro	34	72.44	11.071	2.226	0.052	-
	Casado	202	78.36	13.705			
	União de facto	7	77.57	13.088			
	Divorciado	13	68.38	16.353			
	Separado	3	79.33	23.180			
	Viúvo	15	79.20	17.013			
	Total	274	77.19	13.971			
Apoio Social	Solteiro	34	25.18	5.686	1.266	0.279	-
	Casado	202	26.37	6.115			
	União de facto	7	28.14	5.429			
	Divorciado	13	22.62	8.392			
	Separado	3	27.67	7.638			
	Viúvo	15	26.87	7.210			

	Total	274	26.13	6.260			
Apoio Espiritual	Solteiro	34	10.62	3.838	4.534	0.001	Solteiro ≠ Casado (p=0.004); casado ≠ divorciado (p=0.026)
	Casado	202	13.22	3.706			
	União de facto	7	11.00	4.435			
	Divorciado	13	9.85	4.180			
	Separado	3	12.00	7.000			
	Viúvo	15	12.60	3.832			
	Total	274	12.63	3.925			
Apoio Formal	Solteiro	34	9.41	3.056	0.912	0.474	-
	Casado	202	10.01	3.947			
	União de facto	7	9.86	3.976			
	Divorciado	13	7.85	4.259			
	Separado	3	8.67	5.508			
	Viúvo	15	9.60	3.924			
	Total	274	9.80	3.874			
Reenquadramento	Solteiro	34	14.50	2.788	0.226	0.951	-
	Casado	202	14.82	2.817			
	União de facto	7	15.00	1.000			
	Divorciado	13	14.38	3.305			
	Separado	3	15.67	1.528			
	Viúvo	15	15.07	3.081			
Avaliação Passiva	Solteiro	274	14.79	2.797	1.623	0.154	-
	Casado	202	13.93	2.995			
	União de facto	7	13.57	2.070			
	Divorciado	13	13.69	4.366			
	Separado	3	15.33	2.309			
	Viúvo	15	15.07	3.262			
	Total	274	13.84	3.021			

Tabela 21: efeito do “Género” nos resultados do F-COPES

F-COPES		n	M	DP	ANOVA F	ANOVA p	Diferenças Tukey
Género							
Escala global	Masculino	92	78.47	14.558	1.166	0.281	-
	Feminino	182	76.54	13.660			
	Total	274	77.19	13.971			
Apoio Social	Masculino	92	26.41	6.537	0.280	0.597	-
	Feminino	182	25.99	6.128			
	Total	274	26.13	6.260			
Apoio Espiritual	Masculino	92	12.92	4.080	0.769	0.381	-
	Feminino	182	12.48	3.848			
	Total	274	12.63	3.925			

Apoio Formal	Masculino	92	10.02	3.931	0.471	0.493	-
	Feminino	182	9.68	3.850			
	Total	274	9.80	3.874			
Reenquadramento	Masculino	92	14.91	2.926	0.275	0.601	-
	Feminino	182	14.73	2.735			
	Total	274	14.79	2.797			
Avaliação Passiva	Masculino	92	14.20	3.017	1.933	0.166	-
	Feminino	182	13.66	3.015			